

Revista

FEBASE

Federação do Sector Financeiro



Diretores Adjuntos: Carlos Marques; Carlos Silva; Horácio Oliveira e Pereira Gomes

Ano IV
N.º 31
1,50 €
Março de 2013

Diretor: Delmiro Carreira



Carlos Silva,
candidato a secretário-geral da central sindical

"UGT tem de procurar outra dinâmica"



**Bancários do SBN
vão às urnas**

24



**Dirigentes da Febase
reunidos com FMI**

10

Ficha Técnica

Propriedade:
Federação do Setor Financeiro
NIF 508618029

Correio eletrónico:
revista.febase@gmail.com

Diretor:
Delmiro Carreira – SBSI

Diretores Adjuntos:
Carlos Marques – STAS
Carlos Silva – SBC
Horácio Oliveira – SBSI
Pereira Gomes – SBN

Conselho editorial:
Constança Sancho – SBSI
Firmino Marques – SBN
Patrícia Caixinha – STAS
Sequeira Mendes – SBC

Editor:
Elsa Andrade

Redação e Produção:
Rua de S. José, 131
1169-046 Lisboa
Tels.: 213 216 062/090
Fax: 213 216 180

Revisão:
António Costa

Grafismo:
Ricardo Nogueira

Execução Gráfica:
Xis e Érre, Lda.
xer@netcabo.pt
Rua José Afonso, 1 – 2.º Dto.
2810-237 Laranjeiro

Tiragem: 68.000 exemplares
(sendo 3.500 enviados por
correio eletrónico)
Periodicidade: Mensal
Depósito legal: 307762/10
Registado na ERC: 125 852

sumário

entrevista | Carlos Silva

"É importante que a UGT seja vista como uma central de resistência" 4
De liderança em liderança 5
"Existe uma grande convergência no movimento sindical europeu" 6
"Irei lutar pelo sindicato único do setor financeiro" 7
"Há interesse recíproco na reaproximação das duas centrais" 8

UGT | Atualidade
Congresso da UGT em abril 9

SINDICAL | Atualidade
Delegação da UGT reuniu-se com Abebe Selassie
FMI dá sinais de flexibilidade 10
Troika ouve parceiros sociais 11
UNI Europa debate em Lisboa consequências da austeridade 12

JUVENTUDE | Atualidade
Encontro europeu da UNI Juventude em Albufeira
Jovens exigem criação de emprego 14
Vânia Ferreira reeleita vice-presidente 14

CONTRATAÇÃO | Seguros
STAS e SISEP preocupados com falta de informação sobre PIR 15
Cosec viola convenção coletiva 15

CONTRATAÇÃO | Banca
Duas providências cautelares contra extinção do ACT do IFAP 16
Sindicatos reuniram-se com responsáveis do Barclays 16
Febase insiste em aumentos salariais este ano 17
Cortes salariais aos trabalhadores
CGD adota medidas de reversão para evitar dupla penalização 17

TEMPOS LIVRES | Nacional
Ténis: João Silva sagra-se campeão sénior 18



Texto: **DELMIRO CARREIRA**

Desde a sua criação
que a FEBASE foi entendida
por muitos dos seus
fundadores como um primeiro
passo para um sindicato
de âmbito nacional

Febase – que futuro?

Nos últimos tempos têm-se sucedido intervenções de vários responsáveis dos sindicatos da FEBASE defendendo a criação de um sindicato único que agrupe as organizações integrantes da Federação. Trata-se da expressão de uma vontade que deve ser saudada, pois são mais contributos positivos para o necessário "lastro" indispensável às grandes transformações.

Desde a sua criação que a FEBASE foi entendida por muitos dos seus fundadores como um primeiro passo para um sindicato de âmbito nacional. Todos os que assim pensam sabem que o caminho não é fácil; que terão de ser ultrapassadas visões mais regionalistas; vencidos receios de que a intervenção sindical fique mais reduzida nalgumas áreas e que militantes sindicais no ativo – cujo contributo é fundamental – sejam relegados para posições menos interessantes.

A grande razão que o setor financeiro, banca e seguros, está a sofrer em termos de postos de trabalho é mais um desafio para as organizações sindicais fundadoras do projeto FEBASE, pois suscita questões de sustentabilidade que não eram totalmente previsíveis, pelo menos com a dimensão registada e com os agravamentos anunciados.

É possível criar um sindicato de âmbito nacional com base nos cinco sindicatos existentes. As sinergias sindicais e administrativas daí resultantes não são incompatíveis com uma estrutura representativa que integre as diferentes sensibilidades sindicais – antes a facilita –, nem tão pouco com a indispensável representatividade regional, que interessa manter e reforçar no respeito pela proporcionalidade imprescindível para garantir a democraticidade dos órgãos deliberativos centrais.

As actividades até agora concretizadas no universo da FEBASE, como é o caso da Revista, das actividades de tempos livres como as caminhadas ou concurso de fotografia e, acima de tudo, do espaço de contratação coletiva que a Federação vem conquistando dizem-nos que o mais difícil até já estará feito.

Este projecto adquire maior relevância no momento em que a UGT está prestes a ter um secretário-geral oriundo do setor financeiro, cuja realidade conhece muito bem.

Resta conceber uns estatutos que compatibilizem a realidade nacional com a setorial (banca e seguros) e a presença regional no dia-a-dia da intervenção sindical.

Que é possível, é! É preciso começar a redigir. Suscitar a discussão sobre o modelo organizativo! ■



19

| Bancários Sul e Ilhas



22

| Bancários Norte



26

| Bancários Centro



29

| STAS Actividade Seguradora

Carlos Silva, candidato a secretário-geral

"É importante que a UGT seja vista como uma central de resistência"

Frontal e sem medo das palavras, o candidato a secretário-geral da UGT sabe bem o que quer: uma central mais reivindicativa mas sem nunca descurar o diálogo. Carlos Silva defende a renegociação do memorando com a troika e uma alteração das políticas de austeridade que estão a destruir o País. E deixa o aviso ao Governo: com ele à frente dos destinos da central, a UGT não ameaça, faz

TEXTOS: ELSA ANDRADE E PEDRO GABRIEL



Revista Febase - O que o levou a candidatar-se à liderança da UGT?

Carlos Silva - Não me candidatei de *motu próprio*. Deveu-se, sobretudo, ao sentimento generalizado entre os dirigentes da UGT, conscientes de que João Proença não apresentaria a sua recandidatura, que era importante encontrar um candidato. Houve um grande consenso quanto a ser o presidente de um dos grandes sindicatos da central a protagonizar uma candidatura de unidade, e essa pessoa fui eu. Ponderei os prós e os contras... e os dados estão lançados. Tenho a vida inteira para me arrepender – ou não – desta decisão.

P - Arriscou, portanto...

R - Arrisquei e julgo que a UGT também vai arriscar. Veremos se os riscos compensam a aposta.

P - Qual é o risco da UGT?

R - Em minha opinião não tem a ver com a liderança. O risco da UGT prende-se com o momento extremamente difícil que a sociedade portuguesa atravessa. Sendo um parceiro social com uma grande sensibilidade para a negociação coletiva, a UGT deve manter um diálogo social e político acesos – mas essa é a grande dificuldade, pois os trabalhadores sentem hoje necessidade de se reverem numa determinada dinâmica de resistência. Os sindicatos não podem estar sempre disponíveis apenas para a negociação, também é preciso, às vezes, darmos um murro na mesa e estarmos disponíveis para o combate. Essa é a grande interrogação que se coloca a mim próprio e à futura liderança da UGT.

P - Tem tido um posicionamento crítico relativamente a algumas posições da UGT. A linha estratégica da central vai alterar-se?

R - Comigo não. O facto de pontualmente denotar alguma divergência

pública em relação a certas matérias não tem a ver, por exemplo, com o acordo de concertação social. No momento e na data da sua assinatura foi importante. Subscribi e apoiei a assinatura do acordo tripartido para a competitividade e o emprego.

P - Acha que não foi um erro a assinatura pela UGT?

R - Do ponto de vista estratégico e político não foi. Reconheço, no entanto, que algum do clausulado do acordo tinha contrapartidas desfavoráveis para os trabalhadores. Mas estava em causa o interesse nacional, a defesa de uma imagem estável do país, e a UGT nunca se desligou – nem desligará, com a minha liderança – da necessidade de sermos um parceiro importante. Alguns dos momentos de maior instabilidade da central nos últimos tempos tiveram a ver com a forma como o Governo se comportou na aplicação do acordo de concertação social.

Austeridade além da troika

P - João Proença já ameaçou algumas vezes romper o acordo. Essa é uma hipótese que coloca?

R - É. Mantenho exatamente os mesmos pressupostos.

P - O rompimento já deveria ter acontecido?

R - Acho que não devemos ameaçar muitas vezes. A UGT não rompeu o acordo e até tem feito outras coisas. Esteve, por exemplo, em Washington, numa reunião com o FMI, onde foi ouvir os pressupostos que levam a manter uma determinada política de austeridade, que já percebemos ser errada e transmitimo-lo ao senhor Abebe Selassie. Em nossa opinião, o Governo tem margem de manobra suficiente, mas há alguma obstinação em manter determinadas políticas. Cabe-lhe fazer pressão junto dos credores internacionais para alterar este estado de coisas.

P - Quando afirma que há alternativas, é uma conclusão da UGT ou depois destas conversações internacionais tem

O Governo já deveria ter tido a capacidade de dizer aos credores internacionais e aos seus parceiros europeus que tem de haver alteração de medidas

De liderança em liderança

Carlos Silva nasceu há 51 anos em Alfama, Lisboa, filho de uma família modesta. Nas Oficinas de S. José dos Salesianos estudou até concluir o antigo ciclo preparatório e prosseguiu no liceu Pedro Nunes, onde em 1978 terminou o curso complementar dos liceus.

Em 1980, então com 18 anos, começa a trabalhar na Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, atividade que interrompe em 1982/83 para cumprir o serviço militar em Abrantes. Em 1985 é convidado por um vendedor de doçaria regional e panificação para trabalhar com ele. Torna-se empresário em nome individual até que, no final de 1987, a sua vida dá mais uma reviravolta quando concorre ao BES.

Tinha já terminado o 12.º ano (nunca suspendeu os estudos) quando ingressa nos quadros do banco, a 14 de março de 1988. No mesmo ano inscreve-se na prova geral de acesso à universidade e tem a segunda melhor nota a nível nacional, o passaporte direto para o curso de Direito da Universidade de Coimbra. Pela mão de António Guterres, Edite Estrela e João Proença (a quem fica ligado até hoje) é também eleito presidente da juventude socialista do distrito de Lisboa (FAUL), partido de que era militante desde os 18 anos.

Conhece os dirigentes do SBSI e entra para o Sindicato, primeiro para a Comissão da Juventude e mais tarde para a Direção, começando a participar na UGT. Faz também parte da CT do BES.

Por essa altura é convidado por Idália Moniz, colega do BES, para apoiar o marido, Carlos Alberto Moniz, e até 1997 mantém a sua participação no mundo do espetáculo.

Tanta atividade leva-o a abandonar o curso de Direito ao fim do segundo ano, e só anos mais tarde volta à universidade para fazer a licenciatura em Estudos Europeus, que termina aos 46 anos. Ainda inicia a pós-graduação na mesma área de estudo, mas interrompe ao tomar posse como presidente do SBC.

Em 2000, por decisão familiar muda-se para Figueiró dos Vinhos e para o BES em Leiria. Um ano depois é convidado a integrar a lista socialista para a Direção do SBC, de que se torna presidente em 2007. No mesmo ano está entre os fundadores da Febase, de que foi secretário-geral. Em 2013 é candidato à liderança da UGT.

dados que permitem dizer que não é por imposição da troika que o Governo mantém esta inflexibilidade?

R - Temos dados que nos provam que não se trata de imposição da troika. Como João Proença tem dito, este Governo é mais "troikista" do que a troika, vai além das decisões impostas e assinadas no memorando. Quase dois anos depois já se verificou que estas políticas de austeridade estão derrotadas, e o Governo já deveria ter tido a capacidade de dizer aos credores internacionais e aos seus parceiros europeus que tem de haver alteração de medidas. Ou há mudanças no comportamento do Governo ou a UGT, se entender que não estão reunidas as condições para manter o acordo por mais tempo, rasgá-lo-á.

P - O Governo aproveitou-se dessa "boa-fé" da central para avançar com os 12 dias de indemnização por despedimento?

R - Não digo que tenha havido aproveitamento. O Governo tem facilitado a sua atuação talvez por entender que a UGT dificilmente deixará cair o acordo de concertação social. A central foi bastante

criticada pela sua assinatura, mas se o Governo não foi mais além nas medidas punitivas e sancionatórias para todos os trabalhadores, reformados e pensionistas foi em virtude deste acordo. Se houver um rasgamento do acordo é porque o Governo não cumpriu a sua parte.

UGT não serve de muleta

P - Quanto tempo mais vai a UGT esperar?

R - Essa pergunta é para o secretário-geral atual. Estou convencido que o Governo percebeu as preocupações da central. Há pouco tempo houve uma remodelação na Secretaria de Estado do Emprego e Formação Profissional que é importante, porque havia da parte do anterior secretário de Estado alguma inflexibilidade em relação a matérias fundamentais para a UGT, nomeadamente o reforço da negociação coletiva e a publicação das portarias de extensão. A nomeação do Dr. Pedro Roque vem abrir portas de diálogo. A partir de abril não sei o que vai acontecer, mas sou uma pessoa que se calhar não ameaço tantas vezes. ►

"Existe uma grande convergência no movimento sindical europeu"

P - O que se passa em Portugal está a acontecer um pouco por toda a Europa e não se vê a união do movimento sindical europeu para responder à crise.

R - Há, embora não tão forte e visível como seria necessário. A 14 de março há uma manifestação em Bruxelas promovida pela CES, e a UGT, que previa levar uma delegação mínima, leva uma das maiores delegações de sempre. Os nossos sindicatos estão mobilizados para se deslocarem a Bruxelas porque hoje as coisas têm visibilidade no centro do poder da decisão política e económica. O problema disto tudo são custos, e os sindicatos atravessam, também nesse aspeto, um momento crítico. Mas há uma grande convergência de pontos de vista no movimento sindical europeu e internacional, a dificuldade é dar visibilidade à internacionalização do problema. Falta uma clara consciência europeia nos cidadãos da Europa.

P - Não é só uma questão de visibilidade, as pessoas não sentem resultados. Muitos afirmam que os direitos dos trabalhadores agora perdidos não voltarão tão cedo...

R - É uma opinião generalizada a nível europeu e o movimento sindical está ciente disso, mas as respostas à crise têm de vir, essencialmente, da classe política, que é quem é eleita para governar. Os cidadãos têm de consciencializar-se de que o que aconteceu na Europa foi uma viragem para governos liberais. Espero que isto seja uma aprendizagem para as próximas eleições legislativas na Europa e os cidadãos deem uma resposta cabal para ultrapassar esta crise, confiando em políticas solidárias. A grande questão é saber se os cidadãos confiam nos políticos.

Descrédito e descrença

P - Há um movimento cada vez maior de descrédito da classe política...

R - E muitas vezes o movimento sindical aparece conotado com os partidos políticos, o que não é verdade. Neste momento há uma retroação de direitos e as sociedades portuguesa e europeia começam a ganhar consciência disso. E qual é a mensagem que o movimento sindical tem de passar?

P - Qual é?

R - Ainda não encontrámos a forma de dizer aos trabalhadores que é preciso resistir, que há possibilidade de determinadas formas de luta terem sucesso. E na sociedade portuguesa há medo, as pessoas têm medo de participarem e perderem o emprego. Generalizou-se a ideia de que quem for lutador é uma pessoa marcada. Por isso a última esperança são os sindicatos – que também são constituídos por pessoas. Como é que resolvemos esta dualidade? Ainda não encontrámos o antídoto.

Sindicalismo em crise

P - Isso é uma assunção de que o sindicalismo está em crise?

R - Claramente. O sindicalismo está em crise por via das políticas dos governos e porque não conseguimos encontrar respostas para cimentar os direitos que conquistámos. E muitas vezes – na Europa e em Portugal – permitimos, de forma passiva, que estivéssemos muito ligados aos partidos políticos.

P - As pessoas estão descrentes no movimento sindical?

R - Há uma certa descrença na classe política e no movimento sindical. Mas também reconheço que para muita gente ainda há esperança de que seja o movimento sindical a resolver algumas questões, a ser um bastião de resistência. No entanto não pode ser um movimento sindical que todos os dias convide a sair à rua. A Grécia teve o ano passado 22 greves gerais e o resultado para os trabalhadores foi zero. A 14 de novembro houve pela primeira vez uma jornada de luta europeia convocada pela CES, com ações em diversos países: os resultados foram residuais. As pessoas precisam de ver alguma dinâmica mas também de resultados palpáveis. E nós, com as lutas que temos feito até agora, poucas foram as questões desbloqueadas.

P - Faz?

R - Pelo menos é isso que proporei aos sindicatos. É preciso ser paciente e eu reconheço que o meu secretário-geral é um homem perseverante, lutador, e nem sempre se reconhece as mais-valias da sua forma de estar. Mas não me peçam que tenha uma atuação idêntica. Há momentos em que temos de tomar decisões e não podemos andar a ameaçar hoje, a ameaçar amanhã. Ou se faz ou não se faz. E temos de dizer claramente ao Governo: "Meus senhores, ou cumprem isto até uma determinada deadline ou nós partimos para outra". Se o diálogo social e a negociação coletiva estão bloqueados – uma constatação de facto – andamos aqui a fazer o quê? Deixam de contar connosco. Neste momento a UGT não está em condições de assinar um acordo de concertação social que prejudique minimamente os trabalhadores. Em relação às indemnizações por despedimento, por exemplo, João Proença já pôs claramente em cima da mesa que os 12 dias estão completamente fora de questão.

P - Mantém também essa posição?

R - Claramente. Há coisas que não temos condições de assumir. O Governo não aplica as medidas favoráveis aos trabalhadores: portarias de extensão, desbloqueio da negociação coletiva, emprego para os jovens, medidas de crescimento económico promotoras do emprego. Então vamos continuar a servir de muleta para determinadas políticas? Não podemos.

P - Significa isso que se se colocasse a questão de um novo acordo tripartido a UGT não estaria disponível para assinar?

R - A UGT está sempre disponível para acordos, depende das matérias em cima da mesa. Mas estou convencido que os sindicatos da UGT não subscreverão um acordo de concertação social que, com a nossa assinatura, retire mais direitos aos trabalhadores além dos que já foram retirados por via legislativa e fiscal. Não podemos pactuar com o empobrecimento dos portugueses.

Diálogo social em risco

P - A concertação social é uma mais-valia para o Governo mas também para a UGT, pois é um dos fatores que mantém a central sindical no centro do debate político. Isso terá influência na ponderação de um eventual rompimento do acordo tripartido?

R - Naturalmente que sim. É fundamental.

P - Acha que a concertação social em Portugal está comprometida?

R - A concertação e o diálogo social estão bloqueados. Em risco futuro julgo que não, porque se mantêm as portas abertas. Mas só existe verdadeiramente concertação social quando existe disponibilidade de todas as partes para a obtenção de acordos.

P - Mas não basta obter acordos...

R - Não basta, é preciso implementá-los – e é o que tem estado a falhar. O diálogo social está realmente em risco, e não só em Portugal, infelizmente o cenário repete-se a nível europeu. Estamos a atravessar um momento extremamente difícil porque a maioria dos governos são liberais e entendem que as questões económicas estão acima das sociais. É um problema que temos de ultrapassar.

P - A UGT não tem dúvida de que as medidas de austeridade são contraproducentes. Que posição pretende tomar perante a continuação desta política?

R - Entendemos que é preciso mais tempo. Estamos a assistir ao cumprimento do objetivo imposto de um prazo de pagamento da dívida até junho de 2014, à custa de sacrifícios dramáticos



do povo português. Temos de preservar o essencial daquilo que é o social em detrimento dos princípios económicos do aluno bem comportado. O bom pagador só o é se não fizer morrer a sua família de fome. O que se pede é mais tempo, renegociação dos prazos e das taxas de juro.

P - A UGT defende uma renegociação do memorando?

R - Exatamente. Passaram quase dois anos, o mundo mudou e portanto o memorando também tem de mudar, porque as condições macroeconómicas em que foi assinado são hoje completamente diferentes. ►

"Irei lutar pelo sindicato único do setor financeiro"

P - Os sindicatos dos bancários têm um peso importante na UGT, mas só agora, pela primeira vez, é expectável um secretário-geral oriundo do setor. Qual a importância para os trabalhadores do setor financeiro?

R - Os sindicatos dos bancários sustentam de uma forma muito particular a central sindical. São os três grandes sindicatos da UGT, com alguma capacidade financeira e também muitos sócios. O facto de ao fim de 35 anos haver um bancário à frente da central é um sinal de que os bancários não têm apenas peso financeiro e institucional, mas também político-sindical. Terem um secretário-geral do setor vem legitimar ainda mais o grande apoio que os sindicatos dos bancários têm dado à central, passa a haver uma correspondência entre a liderança e o peso institucional. Por outro lado, o facto de ser um bancário poderá trazer, para as IC e para a negociação coletiva do setor financeiro, maior capacidade de influência. Isso não significa que esta liderança vá dar mais primazia ao setor financeiro no seio da UGT.

P - Vai manter-se atuante na Febase?

R - Não tenho condições para fazê-lo. A Febase ficará entregue aos atuais dirigentes e o presidente do SBC continuará a acompanhar a sua evolução e comportamento. Mas espero que dentro de dois anos a Febase desapareça e dê lugar a um sindicato único do setor financeiro. Um sindicato com 80 mil filiados torna-se um dos maiores sindicatos do setor a nível europeu, e isso também nos dá peso e responsabilidade

em termos internacionais. Este é um desejo pelo qual eu irei lutar ainda mais a partir do momento em que seja líder da UGT.

P - A formação do sindicato único do setor financeiro não está em contraciclo com o que tem sido a aposta da UGT nas federações e nas uniões?

R - Não vem nada em contraciclo, pelo contrário. A UGT tem tentado discutir no seu seio a reorganização sindical, a necessidade de os sindicatos do mesmo setor se agregarem para um maior reforço sindical. A Febase é um patamar intermédio para a fusão, um desejo de muitos dirigentes e, sobretudo, da classe. As restantes federações da UGT existem com o mesmo objetivo: cimentar um conjunto de relações para potenciar a fusão de vários sindicatos. A partir de abril vamos iniciar na UGT um debate interno no sentido de termos menos sindicatos por via de fusões, a única forma de dar força aos sindicatos.

P - Vai continuar como presidente da Direção do SBC?

R - Vou terminar o mandato em 2015. Poderíamos fazer eleições, mas entendemos não haver razões para isso: tenho confiança na minha equipa e o Conselho Geral tem confiança na equipa que lidera os destinos do SBC. Por isso, Aníbal Ribeiro, com as competências estatutárias determinadas ao vice-presidente, substituirá o presidente nas suas ausências e impedimentos.

► O lugar do povo é a rua

P - Os portugueses vivem um momento muito difícil, com taxas de desemprego elevadas, alterações legislativas que diminuem a proteção e segurança no emprego e uma desvalorização crescente da negociação coletiva. Como é que a UGT se vai posicionar neste contexto? Consigo vai ser uma central mais reivindicativa?

R - Quando uma liderança sai ao fim de 18 anos, há sempre uma expectativa em relação ao novo líder, que terá outra forma de estar, uma capacidade de intervenção diferente, outras dinâmicas.

P - Será uma liderança de continuidade ou com uma nova dinâmica?

R - Sem pôr em causa a continuidade da abertura à negociação coletiva e mantendo a unidade da central, há que ter

uma resposta às políticas que afetam os portugueses e não pode ser só na concertação social. A UGT não tem tradição de ser uma central de rua e não sou defensor da agitação pela agitação, mas acho que há momentos em que a UGT tem que despir-se de preconceitos e muscular um pouco a sua atuação. Faço a defesa de uma dinâmica mais musculada, mas dependendo sempre da disponibilidade dos sindicatos, pois esta é uma central de sindicatos, não de cúpula.

P - Os sindicatos estão disponíveis?

R - De uma forma geral, as direções dos sindicatos estão disponíveis para outra capacidade reivindicativa, que não se faz só no diálogo social e na concertação social. As pessoas têm de mostrar a sua indignação, que também se faz na rua. É importante que a UGT também seja vista



pelos portugueses como uma central de resistência, que continua a ver a concertação social e o diálogo social como aspetos fundamentais da sua atuação mas não vai descurar um lugar fundamental para o povo. E o lugar do povo é a rua.

Defender a negociação coletiva

P - O diálogo e a negociação fazem parte do ADN da UGT. Com a negociação coletiva sob fogo – em 2012 atingiu-se o número mais baixo de convenções publicadas e trabalhadores abrangidos desde a entrada em vigor do Código do Trabalho, em 2004 – a central sindical deverá rever a sua estratégia de atuação?

R - A UGT tem uma posição idêntica à do movimento sindical europeu e da CES. A estratégia é tudo fazer para manter acesa a chama da negociação coletiva. Aliás, os bancários estão a negociar, a administração pública também, mas do outro lado não há respostas.

P - O bloqueio não será alheio ao momento político que se vive.

R - Exatamente. Há um movimento de liberalização das relações de trabalho, de desvalorização do fator trabalho e de combate ao movimento sindical, lançando na opinião um conjunto de negações e de preocupações para assustar, a que se junta o elevado desemprego provocado pelas reestruturações feitas à boleia das políticas de austeridade. Isto é a destruição do setor produtivo do nosso país, é a destruição da geração mais qualificada de sempre, é o empobrecimento generalizado das pessoas. Este conjunto de fatores causa grandes dificuldades ao movimento sindical, que no quadro internacional tem tentado encontrar respostas. ■



Congresso da UGT em abril

Ao fim de 18 anos no cargo de secretário-geral, João Proença deixa a liderança da UGT no XII Congresso da central sindical, marcado para 20 e 21 de abril. Carlos Silva, único candidato, é o senhor que se segue

TEXTOS: PEDRO GABRIEL

O Congresso que irá eleger o novo secretário-geral da UGT está marcado para os dias 20 e 21 de abril, no pavilhão do Casal Vistoso, em Lisboa. O vice-presidente da central sindical e presidente do Sindicato dos Bancários do Centro, Carlos Silva, é o único candidato à sucessão de Proença.

Os trabalhos do XII Congresso deverão arrancar às 10h do dia 20 e o encerramento deverá acontecer às 18h do dia seguinte.

Da ordem de trabalhos, além da eleição dos órgãos estatutários, constam a aprovação do Regimento do Congresso, a discussão e votação do relatório do Secretariado Nacional, a discussão e votação da Revisão dos Estatutos e a discussão e votação do Programa de Ação e Definição das Grandes Linhas de Orientação Político-Sindical.

A saída de um líder histórico

João Proença tornou-se secretário-geral da UGT em janeiro de 1995, quando assumiu o cargo, de forma interina, após a saída de Torres Couto. A eleição em congresso viria a acontecer no ano seguinte.

Aos 65 anos, o histórico líder deixa a UGT numa fase complicada de negociação com o Governo. O acordo de concertação social, bem como o futuro ainda indefinido do mesmo, acabam por marcar os últimos meses de Proença à frente da central sindical.

A candidatura de unidade

Face à anunciada saída de João Proença, imediatamente a tendência socialista da central convergiu na tentativa de encontrar o melhor candidato à sucessão já que, por acordo com a tendência social-democrata, cabe aos socialistas o cargo de secretário-geral e aos social-democratas o de Presidente da central.

A escolha recaiu em Carlos Silva, vice-presidente da UGT e presidente do Sindicato dos Bancários do Centro, cujo consenso à volta do seu nome foi fulcral para o convencer a avançar.

Desta forma, a 6 de julho de 2012 a tendência socialista da UGT aprovava e elegia Carlos Silva como candidato à su-

cessão de João Proença, facto confirmado, dias depois, pelo Secretariado Nacional.

Assim, o presidente do Sindicato dos Bancários do Centro formalizou a sua candidatura no dia 15 de maio de 2012, com o apoio de 33 organizações sindicais.

Diálogo e luta

Quem ler a entrevista de Carlos Silva nas primeiras páginas desta publicação, facilmente chega à conclusão que o mais provável sucessor de João Proença é um homem que não vira a cara à luta e sabe bem o que quer e para onde vai.

Assumindo uma linha de continuidade em certos pontos mas referindo sempre que não é idêntico ao seu antecessor, Carlos Silva afirma que a UGT deve romper com algumas tradições e muscular mais a sua atuação. Não descurando o papel da central na negociação coletiva, o próximo secretário-geral defende o muro na mesa quando a situação assim o exigir.

Impedir o desrespeito do Governo por um compromisso assinado há mais de um ano, bem como responder à crise que afeta o movimento sindical, tornam-se, no imediato, os desafios mais importantes para o novo secretário-geral.

Face à mais que provável eleição, Carlos Silva ficará à frente dos destinos da UGT nos próximos quatro anos. ■

"Há interesse recíproco na reaproximação das duas centrais"

P - A última greve geral marcou um distanciamento (quase rutura) entre as duas centrais sindicais. Perante a difícil situação dos trabalhadores portugueses tentará uma aproximação à CGTP?

R - Acho que sim.

P - Vai pugnar por isso?

R - Sem prescindir dos meus objetivos e dos da UGT, irei dar conta da minha disponibilidade, quer à corrente sindical socialista da CGTP quer ao secretário-geral e à estrutura orgânica, para nos reunirmos e trocarmos impressões do ponto de vista institucional e vermos que pontos de convergência existem. As divergências estão identificadas há muitos anos, mas se conseguirmos elencar pontos de convergência, pela minha parte isso não deixará de ser feito e estou convencido que também do lado da CGTP. Não fiz quaisquer contatos, mas há conversas de bastidores e parece-me que há interesse recíproco em que haja uma reaproximação das centrais, sem que isso signifique abdicarmos do que defendemos, mas sim procurarmos a unidade na ação, algo que o João Proença há muito tem defendido.

P - Se a situação laboral se deteriorar ainda mais é possível uma nova greve geral com as duas centrais unidas na ação?

R - Estou convencido que sim, diria mesmo que é desejável. É preciso dar sinais à sociedade portuguesa, aos trabalhadores e a quem nos governa que num momento tão difícil os representantes dos trabalhadores conseguem encontrar pontos de convergência. Se for eleito secretário-geral da UGT tudo farei, dentro das minhas competências e disponibilidades, para mobilizar a central e os seus sindicatos para a possibilidade de encontrarmos pontos de convergência com outros atores do movimento sindical, nomeadamente a CGTP. É possível haver unidade na ação, como já foi possível nas duas greves gerais conjuntas de 2010 e 2011.

P - Pretende abrir a central aos movimentos sociais, cujo peso na sociedade portuguesa é cada vez maior?

R - Sou uma pessoa que entende que a UGT, enquanto parceiro social de relevância, não pode ignorar a existência de outros movimentos sociais. Ouvimos, auscultamos, e se entendermos que há condições para se fazer unidade na ação certamente a UGT estará disponível. Não podemos ignorar que as pessoas juntam-se aos milhares em manifestações convocadas nas redes sociais. Ao fazerem-no não estão a olvidar a existência de sindicatos, fazem-no porque não se reveem em determinadas formas de estar do movimento sindical e partidário. Logo, o movimento sindical só tem duas hipóteses: ou se adapta ou morre em decadência. É preciso estarmos sempre alerta, firmes na defesa do que se conquistou, ou é a própria democracia que está em risco. A UGT não vai ficar de fora desta luta, pelo menos no que depender de mim.

Delegação da UGT reuniu-se com Abebe Selassie

FMI dá sinais de flexibilidade

Uma delegação da UGT, liderada por João Proença e composta ainda por Rui Riso e Carlos Silva, esteve reunida em Washington com Abebe Selassie, chefe da missão da troika em Portugal, a quem expôs a situação económica e social do País – e saiu do encontro convicta de que o FMI vai rever algumas das suas posições

TEXTOS: INÊS F. NETO

A UGT deslocou-se a Washington no âmbito de uma reunião de alto nível da Confederação Internacional de Sindicatos (CSI) com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM) para debater a crise europeia, nomeadamente nos países intervencionados.

Na reunião do FMI com um grupo restrito de sindicalistas, que se realizou a 15 de fevereiro, os representantes da UGT debateram a situação económica e social de Portugal, com particular destaque para



Rui Riso, João Proença e Carlos Silva na sede do FMI em Washington

a desvalorização da negociação coletiva e o bloqueio na concertação social.

A delegação portuguesa – que além de João Proença integrou Rui Riso

(SBSI) e Carlos Silva (SBC) – criticou duramente a posição do Governo e da troika por pretenderem reduzir as indemnizações por despedimento tendo em vista apenas fazer descer os custos do trabalho e sem qualquer preocupação de âmbito social.

Os representantes sindicais sublinharam a diferença entre os programas de ajustamento desenvolvidos antes da moeda única e após a entrada em vigor do euro. Ou seja, os programas aplicados anteriormente tiveram como consequência imediata a descida dos preços do país produtor nos mercados internacionais. Por exemplo, quando se desvalorizou o escudo, as exportações portuguesas tornaram-se mais apetecíveis, até porque o valor do trabalho desceu.

Mas com o euro em vigor, o valor do trabalho só pode descer diretamente, como aconteceu entre dezembro de 2011 e o mês homólogo de 2012, quando se registou uma redução de 16,1% nos custos do trabalho em Portugal.

A principal consequência deste efeito, a descida dos preços, não se verificou nos países intervencionados –

uma preocupação assumida por Abebe Selassie.

Por parte dos representantes sindicais houve uma forte reação às afirmações do responsável do FMI, criticando vivamente o facto de ter sido criado um conjunto de regulamentação para reduzir os custos do trabalho e nem um documento – que se conheça – relativo à descida dos preços.

A falácia da produtividade

No encontro com os sindicalistas, o FMI realçou a necessidade de os salários terem uma componente indexada à produtividade, que consideraram ser baixa em Portugal.

Para a UGT há uma questão fulcral que deve nortear uma discussão sobre este tema: se os portugueses são produtivos em qualquer economia, por que não o são em Portugal? Ou seja, não se deve aos trabalhadores a baixa produtividade do País.

Para desmitificar esta questão perante o FMI, foi citado o exemplo do setor financeiro, cuja produtividade foi sempre muito elevada se comparada com a de outros países europeus, mas nunca os trabalhadores foram compensados por isso. "É fantástico que se equacione esta componente nos salários quando a produtividade é baixa, mas o contrário não acontece", frisaram os sindicalistas portugueses.

Por outro lado, salientaram, se se considerar os valores dos salários médios em Portugal facilmente se constata não ser esse o fator que contribui para a reduzida competitividade das empresas nacionais.

Os salários nacionais já eram muito baixos antes da crise relativamente à média europeia, sublinharam, defendendo veementemente estar provado que a austeridade não é solução.



Abebe Selassie (FMI), Jurger Kroeger (CE) e Rasmus Ruffer (BCE) voltaram a Portugal para mais uma avaliação da troika

Troika ouve parceiros sociais

No decurso da sétima avaliação ao programa de ajustamento, a troika reuniu-se com os parceiros sociais dia 28 de fevereiro, num encontro realizado no âmbito do Conselho Económico e Social (CES).

Na reunião, os chefes da missão denotaram já maior abertura, com um discurso mais suave relativamente às medidas de austeridade, na senda do que tinha já acontecido em Washington com o FMI.

Segundo João Proença, a troika mostrou-se "sensibilizada para as linhas de orientação dos parceiros sociais", que convergem no sentido de travar a austeridade e promover o crescimento e o emprego.

Também António Saraiva, presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), afirmou que "a troika alterou a sua posição" em relação a Portugal, uma vez que "hoje já reconhece que é necessário promover o investimento na economia portuguesa, conceder crédito às empresas" e que "a política fiscal tem de ser mais amiga do investimento".

No entanto, a opinião da UGT e da CIP não foi partilhada pelos restantes parceiros sociais.

Em consonância com o discurso do FMI em Washington, também Rasmus Ruffer, representante do BCE, afirmou claramente que a descida dos custos do trabalho deveria ter-se refletido imediatamente nos preços, recomendação já feita pela troika ao Governo português. O responsável sublinhou ainda a importância do diálogo social, adiantando que a missão valoriza a paz social.

Em resposta, o presidente do CES, Silva Peneda, recomendou aos representantes do FMI, do BCE e da CE que na sua análise valorizassem claramente a importância de em Portugal ainda existir paz social, bem como a intervenção de alguns sindicatos para que essa realidade se mantenha.

"Precisamos de recuperar o consumo interno para recuperar postos de trabalho e aumentar o rendimento dos portugueses", defendeu a delegação portuguesa junto do FMI.

Crescimento e emprego

"Sentimos em Washington que se tinha conseguido abrir portas no sentido de o FMI rever algumas das suas posições" relativamente a Portugal, afirmaram os delegados da UGT num balanço da reunião. "A verdade é que o discurso já começou a mudar e já falam da necessidade de incentivar o crescimento e o emprego", frisaram.

Quando João Proença apresentou a situação económica e social de Portugal como caso de estudo, os sindicalistas aperceberam-se claramente que Abebe Selassie, a quem coube o comentário, não sabe o suficiente sobre a realidade portuguesa. A verdade é que análises muito distanciadas podem ter vantagens, também revelam um manifesto desconhecimento da realidade social do País.

O líder da UGT insistiu muito na necessidade de se valorizar o diálogo e a negociação coletiva como elementos reguladores do mercado laboral, evitando a concorrência desleal.

Nesse sentido defendeu também a publicação das portarias de extensão, que o memorando da troika impede quando os acordos coletivos que lhes dão origem não forem subscritos por associações representativas de uma parte muito significativa do setor. O FMI assumiu estar aberto a mudanças nesta matéria.

Outra nota de abertura do Fundo prende-se com a disponibilidade manifestada para rever a sua posição sobre as indemnizações por despedimento, desde que o Governo português apresente propostas.

Os sindicalistas portugueses encontraram-se ainda com o presidente do Banco Mundial, Jim Yong Kim. ■

Salvar o Estado social na Europa

No seminário da CSI, onde a UGT é filiada, foram debatidos diversos temas relacionados com a crise europeia e as suas consequências sobretudo nos países intervencionados.

Nas diversas reuniões os representantes sindicais referiram com insistência as suas preocupações com o que se está a passar naqueles países, tendo em conta sobretudo os efeitos sociais que as medidas estão a provocar.

As apreensões dos sindicatos devem-se sobretudo ao facto de a resposta à crise estar a ser conduzida no sentido de defender o sistema que conduziu à grave situação em que a Europa se encontra. Ou seja, tudo está a ser feito para salvar o sistema financeiro – veja-se os exemplos da Irlanda e de Espanha – e muito pouco se faz para manter os equilíbrios sociais consolidados desde o pós-Guerra.

Ao fim destes anos extremamente difíceis, esperava-se que o paradigma económico fosse alterado antes de toda a Europa viver uma grave crise social.

Os interlocutores do FMI confirmaram a sua preocupação, mas consideraram que os volumes da dívida dos países intervencionados suscitam a obrigatoriedade de ajustamentos mais ou menos profundos, de forma a evitar pôr em risco todo o Estado social.

De uma forma geral, os sindicatos manifestaram as suas preocupações quanto à desvalorização da negociação coletiva, essa sim responsável desde o início pelo bem-estar social. Aliás, diversas investigações demonstram a relação entre um Estado social forte e elevados índices de sindicalização e confiança nos sindicatos.

UNI Europa debate em Lisboa consequências da austeridade

O impacto da crise e da austeridade sobre os trabalhadores de serviços e os sistemas de relações laborais vai ser analisado pela UNI Europa, num workshop que se realiza este mês em Lisboa com o objetivo de delinear a reação sindical. O caso português será um dos abordados

TEXTO: **ELSA ANDRADE**

O clima de austeridade domina toda a Europa, afetando milhões de trabalhadores e corroendo os direitos sociais e sindicais. A taxa de desemprego é das mais elevadas da década, os salários estão em queda em muitos países, o modelo social europeu está a ser posto em causa, a negociação coletiva bloqueada.

Face a este contexto recessivo, tanto a nível económico como social e laboral, os sindicatos da UNI Europa definem estratégias para reagir a um sistema político neoliberal que insiste na aplicação de medidas de austeridade, especialmente nos países do Sul, destruindo o tecido económico, o emprego e a proteção social e que está a colocar sob enorme tensão a coesão europeia.

Em Lisboa estarão em debate as consequências das medidas de austeridade nos trabalhadores de serviços (onde se incluem banca e seguros) e as formas possíveis de fortalecer a posição dos sindicatos.

Após a reunião sobre a crise realizada o ano passado em Madrid, a UNI Europa



A UNI pretende coordenar a resposta sindical às medidas de austeridade

organizou um grupo de trabalho sobre "a crise, a austeridade e as suas consequências", que agora reúne na capital portuguesa com o objetivo de permitir aos representantes de cada país partilharem experiências sobre as medidas de austeridade tomadas a nível nacional e as estratégias sindicais implementadas para lhes fazer frente. No encontro estarão presentes delegados de Portugal, Espanha, Chipre, Grécia, Irlanda, Itália e Malta.

Nos debates, os sindicatos vão apresentar exemplos nacionais e individuais concretos, que ilustrem a vida e a situação real dos trabalhadores. Os sindicatos da Febase estarão presentes e intervirão para expor a situação portuguesa, nomeadamente no setor financeiro.

Monitorizar a troika

Tal como no workshop de Madrid, o debate incidirá especificamente sobre as exigências e medidas de austeridade impostas pela troika (União Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional), bem como sobre as mudanças estruturais exigidas aos países sob assistência financeira.

Com esta discussão a UNI Europa tem dois grandes objetivos: perceber cabalmente as consequências das medidas para os trabalhadores dos setores de serviços e delinear uma estratégia que reforce a posição dos sindicatos. A UNI pretende coordenar as reações e respostas sindicais às medidas de austeridade, de forma a estimular o papel da organização na defesa dos trabalhadores e dos direitos sindicais.

Nesse sentido, a ordem de trabalhos abrange temas como o impacto das políticas de austeridade nos sistemas de relações laborais e nos sindicatos do setor de serviços; as reações e respostas dos sindicatos às medidas de austeridade impostas, e a posição da UNI Europa sobre a crise e a austeridade. A criação de um observatório de "vigilância da troika" e a definição do caminho a seguir – nomeadamente das ações coletivas que a UNI Europa deve empreender em reação às medidas de austeridade e em defesa do modelo social europeu – estarão igualmente em análise e deverão fazer parte das conclusões do encontro.

Os resultados do workshop irão contribuir para o debate do Comité Diretor da UNI Europa, que se reunirá uma semana mais tarde. ■



Os sindicatos vão apresentar exemplos nacionais concretos



DESCONTOS ESPECIAIS para Reservas até 28 MARÇO

Sugestões de Exclusivos Oasistravel 2013

ÍNDIA - Magia Colorida do Rajastão (26 Abril - 7 Maio)

1.892€

12 dias em Pensão Completa com visitas a Delhi, Agra, Jaipur, Jodhpur, Udaipur e Bombaim. Rajastão, antigo reino de tradições feudais, repleto de imponentes fortalezas e palácios dignos de contos das Mil e Uma Noites...

CHINA, Macau & Hong-Kong (4 - 14 Julho)

2.490€

11 dias em Pensão Completa com visitas a Pequim, Xi'An, Shanghai, Macau e Hong-Kong. Começando com monumentos milenares com a Grande Muralha da China e o Exército de Terracota de Xi'An, terminaremos a viagem com a modernidades dos casinos de Macau, a "Las Vegas do Oriente".

CANADÁ com Cataratas Niagara & Cruzeiro Mil Ilhas (6 - 14 Set.)

2.597€

9 dias em Pensão Completa e voos directos, visitando Toronto, Cataratas de Niagara, Parque de Algonquin, Ottawa, Québec, Montréal, Mil Ilhas,... Paisagens deslumbrantes na época das mais belas "cores do Canadá".

Outras sugestões especiais: Marselha - Capital da Cultura (Jul.)

* Azerbaijão, Georgia & Arménia (Set.) * Cruzeiro de Savona a Lisboa (Set.) * Vietname & Camboja (Out.) * Cruzeiro Singapura, Malásia & Tailândia (Nov.) * Austrália (Nov.) * Argentina & Chile (Nov.)

Viagens em grupo com Acompanhamento Oasis
Visitas e Entradas incluídas | Cuidadosa Selecção de Hotéis

LISBOA - MQ POMBAL
213 193 600
outgoing@oasistravel.net

LISBOA - AV. ROMA
218 411 700
groups@oasistravel.net

SETÚBAL
265 237 674
setubal@oasistravel.net



Encontro europeu da UNI Juventude em Albufeira

Jovens exigem criação de emprego

Uma centena de sindicalistas com menos de 35 anos esteve reunida em Albufeira, no âmbito da Conferência UNI Europa Juventude, e deixou uma mensagem clara aos políticos: é urgente a mudança, porque a Europa vai por mau caminho

Texto: **ELSA ANDRADE**



Os jovens são os mais atingidos pelo desemprego

Sob o lema "Uma Europa para os jovens", mais de uma centena de sindicalistas dos setores de serviços debateram as consequências da crise nas condições de vida e de trabalho, com especial destaque para o flagelo do desemprego. A discussão decorreu no âmbito da Conferência bienal da UNI Europa Juventude, que se realizou em Albufeira de 6 a 8 de fevereiro.

A delegação portuguesa foi composta por João Ferreira, Vânia Ferreira, Luís Roque e Patrícia Mendes, da Comissão de Juventude do SBSI, e Carina Caetano, do SINTTAV.

Há anos que o emprego precário aumenta na Europa, mas com a crise económica e financeira o desemprego cresceu, as formas atípicas de emprego multiplicaram-se e o número de abrangidos é cada vez maior. Embora este seja um fenómeno que atinge todas as faixas etárias, os jovens são, mostram as estatísticas, os mais afetados.

Os empregos disponíveis são a tempo parcial, com contrato a termo certo ou através de agências de trabalho temporá-

rio; são aceites para "estágios" mal remunerados ou nem sequer pagos; não têm carreira, fazem "biscates" por não terem um meio de subsistência decente, vivem na incerteza e sem perspetivas.

Esta realidade, comum a milhões de jovens europeus, esteve em debate na Conferência da UNI, cujo Plano de Ação para o biênio 2013 - 2015 exige uma urgente mudança de políticas na Europa.

Insegurança e desesperança

A estratégia europeia da última década foi um fracasso, mas a Comissão Europeia insiste nela e defende o emprego precário como medida contra o desemprego, promovendo a flexibilidade em detrimento da segurança no emprego.

Este clima cria medo, insegurança e desesperança. Como lembrou o Presidente da Direção do SBSI e secretário-geral da Febase na sua intervenção, "para se ser livre há uma condição absolutamente necessária: um ren-

dimento justo que não amarre o pensamento às necessidades primárias, porque um estômago vazio é um fator de submissão e não permite a liberdade de pensamento".

"Juntos temos de forçar a existência de leis que obriguem os empregadores a criar emprego para os jovens, mas não um emprego precário e mal pago, um emprego com um salário justo e adequado para a juventude melhor qualificada de todos os tempos, um emprego que permita que os jovens de hoje possam programar a sua vida sem sobressaltos e que possa garantir a continuidade de uma Europa solidária, justa e livre", frisou Rui Riso.

Importância dos sindicatos

"Cabe a todos nós a responsabilidade de trabalhar para reposicionar os sindicatos no quadro social europeu", disse o secretário-geral da Febase, criticando os ataques desferidos, que levam a sociedade a pensar que os direitos dos trabalhadores são um obstáculo ao desenvolvimento económico e afastam trabalhadores dos sindicatos, sobretudo os mais jovens.

"Devemos ter sempre presente que sem trabalho digno a juventude não tem futuro e sem juventude hoje não haverá Europa amanhã", concluiu Rui Riso, interrogando os participantes: "Can we make it better? Can we change Europa?" "Yes, we can!", respondeu convictamente em uníssono a centena de jovens sindicalistas.

A Conferência foi mais uma oportunidade para avisar os políticos europeus de que são necessárias medidas urgentes para resolver a situação de vida e de trabalho da juventude europeia.

"A Europa vai por um caminho errado", concluíram os sindicalistas, exigindo investimento na criação de emprego para os jovens, de forma a que possam encarar o futuro com esperança. ■

Reunião com APS

STAS e SISEP preocupados com falta de informação sobre PIR

Sindicatos reuniram-se com a Associação Portuguesa de Seguros para analisar a aplicação do CCT e trilhar caminhos para melhorar a convenção coletiva e respetiva tabela salarial. O cumprimento do Plano Individual de Reforma (PIR) é a maior preocupação



Foram abordados aspetos do CCT que irão ser alvo de apreciação

Os sindicatos de seguros da Febase (STAS e SISEP) reuniram-se dia 27 de fevereiro com a Associação Portuguesa de Seguros (APS), com o objetivo de apreciar a aplicação do CCT para

a atividade seguradora e igualmente os caminhos a trilhar em futuras reuniões com vista a melhorar o CCT em vigor e inerentes valores salariais.

Como principal preocupação colocada pelos sindicatos no que concerne à aplicação do CCT, encontra-se o tema do Plano Individual de Reforma (PIR) e a ausência de informação objetiva de algumas seguradoras, quer quanto aos traba-

lhadores entrados antes de junho de 1995, quer aos que entraram posteriormente.

Constituindo o PIR um dos aspetos inovadores de maior importância para todos os trabalhadores abrangidos pelo CCT negociado pelo STAS e pelo SISEP, os sindicatos não entendem a ausência de informação objetiva e clara aos beneficiários desta significativa e importante alteração.

A APS mostrou-se sensível ao problema, tendo informado que irá intervir junto das associadas.

Na oportunidade foram ainda abordados alguns aspetos do CCT em vigor que irão ser alvo de apreciação e clarificação em próximas reuniões, bem como aspetos de melhoria a discutir e acordar.

Ficou agendada nova reunião para o próximo dia 15 de abril. ■

Cosec viola convenção coletiva

A Cosec reduziu o salário base de parte dos seus trabalhadores, decompondo a verba anteriormente paga em ordenado base e margem livre. Caso a situação se mantenha, o STAS irá intentar uma ação judicial

Texto: **CARLA MIRRA**

O Contrato Coletivo de Trabalho outorgado entre a APS e o STAS, publicado no Boletim do Trabalho e Emprego, n.º 2 de 15/01/2012 foi a justificação utilizada pela Cosec para proceder, desde maio de 2012, à reformulação dos recibos de vencimento dos seus trabalhadores. Até àquela data, os recibos de vencimento faziam menção ao vencimento base, sendo esse valor, em algumas situações, superior ao mínimo previsto na tabela salarial para a categoria e nível salarial respetivo.

Como bem se sabe, as tabelas salariais previstas em qualquer instrumento de re-

gulamentação coletiva preveem valores mínimos, sendo que o CCT define o "ordenado base mensal" na sua cláusula 34.ª.

Esses valores são atualmente refletidos em bandas salariais (oscilando entre um valor mínimo e um referencial máximo), diferentemente do que ocorria anteriormente, em que existiam níveis salariais. Foi necessário, efetivamente, operar uma reclassificação profissional, por força do novo CCT, sendo que a cláusula 57.ª n.º 2 do atual texto prevê expressamente que "o ordenado base do trabalhador reclassificado corresponderá, no mínimo, ao ordenado base mensal determinado pelo nível salarial obrigatório para a categoria profissional anterior à reclassificação (...)"

A Cosec, de forma ilegítima e injustificada, reduziu o ordenado base de parte dos seus trabalhadores, decompondo a verba anteriormente paga a esse título em ordenado base e margem livre (para além de outras eventuais componentes salariais), o que para já terá consequências imediatas no que respeita ao cálculo do Plano Individual de Reforma, uma vez que é obrigação do empregador efetuar anualmente

contribuições para este plano, em percentagens aplicadas sobre o seu ordenado base mensal.

Estão em causa, além destas implicações imediatas, outras potencialmente aplicáveis aos trabalhadores visados, porquanto o ordenado base é a base de cálculo em algumas possíveis vicissitudes do contrato de trabalho.

Apesar de suscitada a questão junto da empresa, formal e pessoalmente, o STAS não obteve até ao momento acolhimento no sentido de ser regularizada a situação, nomeadamente no sentido de uma adequação do ordenado base aos valores a que eram correspondentes até abril de 2012.

Caso esta intransigência se mantenha, o STAS irá intentar uma ação judicial nos termos da qual, devidamente apoiada nos seus associados e meios de prova reunidos, se reclamará pela justa e correta aplicação do Contrato Coletivo de Trabalho, não servindo este, ao invés do alegado, como respaldo para ataques aos direitos dos trabalhadores.

O STAS manter-se-á, como sempre, na defesa dos seus associados. ■

Vânia Ferreira reeleita vice-presidente

Na Conferência da UNI Europa Juventude foram eleitos os membros do Grupo Diretor para os próximos três anos. Vânia Ferreira, da Comissão de Juventude do SBSI, foi reeleita vice-presidente deste órgão.

No seu discurso de candidatura, a representante do SBSI lembrou o trabalho já desenvolvido neste órgão nos últimos quatro anos, afirmando: "Acredito que tornarei o Grupo mais coeso e forte, tornando assim possível cumprir o Plano de Ação. Podem contar comigo, com o meu empenho e entrega".

Aludindo à difícil situação económica e laboral dos países do Sul da Europa, Vânia Ferreira sublinhou: "No meu Sindicato tentamos defender a situação dos jovens em Portugal, e é esse saber e essa experiência que me dão capacidade para fazê-lo também na UNI Europa Juventude".

"Precisamos de estar unidos para mostrarmos que podemos fazer a diferença. E sem os jovens de hoje não há Europa amanhã", concluiu. ■



Duas providências cautelares contra extinção do ACT do IFAP

Os Sindicatos da Febase entregaram duas providências cautelares, uma junto do Supremo Tribunal Administrativo e outra no Tribunal do Trabalho, requerendo a manutenção em vigor do ACT do IFAP, extinto pelo Decreto-Lei 19/2013

Textos: **INÉS F. NETO**

Face à publicação do Decreto-Lei 19/2013 de 6 de fevereiro, os Sindicatos dos Bancários do Centro, do Norte e do Sul e Ilhas, na senda dos trabalhos que desenvolveram junto das autoridades responsáveis pela condução do processo legislativo referente à transição plena dos trabalhadores do IFAP para a administração pública, viram-se confrontados com um complexo normativo que atraiçoa, manifestamente, as garantias que lhes tinham sido avançadas, nomeadamente no que respeita à contratação coletiva e à manutenção dos direitos sociais. Este facto tinha já sido denunciado, em tempo útil, junto do Presidente da República.

Perante esta situação e atentos às manifestas inconstitucionalidades já antes indicadas àqueles responsáveis, os Sindicatos, após a necessária ponderação e estudo, decidiram requerer junto do Procurador-Geral da República e do Provedor de Justiça que desencadeiem o processo de fiscalização abstrata sucessiva do referido diploma, invocando, nomeadamente, a violação dos princípios constitucionais da contratação coletiva, da igualdade, da tutela da confiança e do não retrocesso social.

Disto foi dado conhecimento aos grupos parlamentares, face à apreciação parlamentar do diploma, que se avizinha.

Queixa na OIT

Por outro lado, os Sindicatos dos Bancários da Febase intentaram, dia 22 de fevereiro, duas providências cautelares, uma junto do Supremo Tribunal Administrativo e outra no Tribunal do Trabalho, onde se requer, atento o prejuízo relevante e irreparável, respetivamente, a suspensão da eficácia do



Os Sindicatos recorreram também ao Provedor de Justiça, pedindo a fiscalização do diploma

ato de derrogação do ACT do Setor Bancário inscrito no art.º 9.º do referido diploma, bem como o reconhecimento por parte do IFAP da manutenção do ACT para o Setor Bancário, e isto, independentemente da entrada em vigor do Decreto-Lei.

Apresentaram ainda, junto da UGT, uma queixa referente à violação, pelo Governo português, do direito à contratação coletiva, para ser veiculada junto da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os Sindicatos dos Bancários do Sul e Ilhas, do Centro e do Norte salientam e repudiam o facto de este processo substanciar mais uma alteração unilateral dos Direitos Laborais, conferidos aos trabalhadores pela contratação coletiva, o que vai ao arrepio do modelo de Estado de Direito consagrado constitucionalmente.

Da evolução deste processo, que merece a maior atenção e empenho, será dada informação aos associados. ■

Sindicatos reuniram-se com responsáveis do Barclays



Os Sindicatos da Febase reuniram-se com o comité da direção ibérica do Barclays, que confirmou a pretensão de rescindir o contrato de trabalho com cerca de 350 trabalhadores e encerrar uma centena de balcões.

Na reunião, que decorreu dia 13 de fevereiro, os responsáveis comprometeram-se a falar com os Sindicatos logo que o banco tenha definido o modelo de rescisão a adotar, antes mesmo de contactar qualquer trabalhador, alegando serem apologistas do diálogo dentro da empresa.

O SBC, o SBN e o SBSI chamam a atenção dos trabalhadores para que se mantenham atentos à situação e caso se apercebam de algo estranho no seu local de trabalho comuniquem de imediato com os respetivos sindicatos.

Os sindicatos aguardam o referido contacto do Barclays – que não tinha acontecido até à hora de fecho desta edição – e logo que este ocorra darão conhecimento da informação obtida aos seus associados. ■

Febase insiste em aumentos salariais este ano

Face aos sinais de recuperação da banca, a Febase considera estarem criadas as condições para se rever a tabela salarial do setor. As Instituições de Crédito discordam

As negociações para a revisão global do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) do setor bancário prosseguem com a análise das propostas de clausulado em debate. Na sessão de 26 de fevereiro, a Febase voltou a colocar a questão dos aumentos salariais para 2013.

A Federação defendeu que, apesar da situação de crise que o País atravessa, a banca nacional começa a apresentar sinais de recuperação, para a qual muito tem contribuído o esforço e dedicação dos trabalhadores.



A equipa da Contratação da Febase na sessão de negociações na APB

Por seu lado, o grupo negociador das Instituições de Crédito (IC) reafirmou a sua posição de não proceder a aumentos salariais, utilizando os argumentos já conhecidos.

Os Sindicatos da Febase discordam em absoluto dessa argumentação, tendo deixado clara a ideia de que volta-

rão a insistir nesta matéria, até porque se há verbas para a atribuição discricionária de prémios a alguns trabalhadores terá de haver também para aumentos salariais para a totalidade dos efetivos.

A próxima reunião está agendada para esta tarde, dia 12. ■

Cortes salariais aos trabalhadores

CGD adota medidas de reversão para evitar dupla penalização

A administração da CGD vai adotar um mecanismo de reversão do impacto da redução salarial de 2011. Os Sindicatos da Febase vão acompanhar atentamente a aplicação dessas medidas

Por solicitação dos Sindicatos da Febase (SBC, SBN e SBSI), realizou-se dia 25 de fevereiro uma reunião com a administração da CGD para analisar as implicações do Orçamento do Estado de 2013 para os trabalhadores do Grupo e, sobretudo, a mais recente imposição do Governo de não admitir mais medidas excecionais à gestão e obrigando, consequentemente, ao corte direto nos salários.

Na reunião, a Febase afirmou mais uma vez que esta medida, aplicada sem que antes sejam tomadas pela



administração soluções compensatórias relativas aos cortes anteriores, implicariam uma dupla penalização dos trabalhadores.

Face a esta realidade, a administração da CGD informou os Sindicatos da Febase que vai adotar um "mecanismo de reversão" do impacto que as medidas de redução aplicadas em 2011 tiveram em cada trabalhador.

Os Sindicatos dos Bancários do Centro, do Norte e do Sul e Ilhas vão seguir atentamente a aplicação das medidas de reversão e alertam todos os trabalhadores para que se mantenham vigilantes e reportem ao respetivo sindicato qualquer anomalia.

Responsavelmente e sem demagogias, os Sindicatos da Febase vão continuar a acompanhar a situação. ■

Ténis

João Silva sagra-se campeão sénior

A cidade-berço foi palco do 30.º torneio nacional de ténis, que consagrou vários campeões nos diversos escalões.

João Silva, em seniores masculinos, e Olga Alfaiate, em femininos, foram os grandes vencedores

TEXTO: PEDRO GABRIEL

Mais de 40 finalistas estiveram presentes no 30.º torneio nacional de ténis, que se realizou de 9 a 12 de fevereiro em Guimarães.

O primeiro dia foi dedicado à receção e alojamento dos concorrentes procedendo-se, por volta das 23h00, ao sorteio dos jogos de apuramento nas diversas categorias. Concluído o emparelhamento de todos os tenistas, foi altura de descansar e retemperar forças.

Os dois dias seguintes estiveram dedicados à ronda de qualificação, com jogos de manhã e à tarde, apenas interrompidos para o almoço. O saudável e alegre convívio foi evidente e nem a chuva, que foi uma constante ao longo dos dias, retirou a boa disposição aos tenistas. Nenhum jogo ficou por realizar, uma vez que os courts eram cobertos.

Durante a fase de qualificação foi possível assistir a jogos de grande qualidade, onde o equilíbrio foi a nota dominante e com todos a quererem estar presentes nas finais, marcadas para o último dia de prova, das 8h30 às 13h00.

Em singulares, no escalão de seniores, a vitória sorriu a João Silva (CCAM), do SBN, que levou a melhor sobre Diogo Palma (BCP), do SBSI. No terceiro posto, ex aequo, ficaram Filipe Rebelo (BES), do SBC, e Rui Magalhães (BCP), do SBSI.

Nas senhoras, Olga Alfaiate (BCP), do SBC, sagrou-se campeã ao derrotar na final Margarida Araújo (BdP), do SBSI. Ana Catarina (BBPI), do SBSI, e Maria Dores (BST), do SBN, ficaram no terceiro posto ex aequo.

A 30.ª edição do torneio nacional de ténis consagrou ainda Guedes da Costa (BCP), do SBN, no escalão de veteranos. José Carlos Nobre (BCP), do SBSI, arrebatou o troféu para veteranos com mais de 55 anos, ao passo que José Frazão (BCP) e Eusébio Alves (BP), ambos do SBSI, sagraram-se campeões de veteranos+60 e veteranos+65, respetivamente.

Na categoria de pares, destaque para pai e filho, duas gerações de bancários que constituem a dupla Diogo Palma/António Palma (BCP), do SBSI, que triunfou sobre a dupla composta por Hélder Martins



João Silva

(BST) e José Matos (BCP), também do SBSI.

Em pares femininos, Ana Catarina Silva (BBPI) e Margarida Araújo (BdP) sagraram-se campeãs ao derrotarem a dupla composta por Olga Alfaiate (BCP), do SBC, e Maria Dores (BST), do SBN.

Antes do almoço, procedeu-se à entrega dos troféus aos vencedores.

A comissão organizadora do evento foi composta por Henrique Rêgo, Alfredo Correia, Francisco Mateus, Francisco Carapinha, António Pimentel, Manuel Camacho e António Ramos. ■



Olga Alfaiate

Guedes da Costa



José Frazão

José Carlos Nobre



Ana Catarina Silva e Margarida Araújo

Diogo e António Palma

Campanha de sindicalização já está no terreno

O SBSI iniciou este mês uma nova campanha de sindicalização, com um duplo objetivo: fidelizar os sócios e trazer novos bancários para o seio do maior Sindicato do País

TEXTOS: INÊS F. NETO

Nunca como agora, com a crise instalada e o setor bancário no centro do furacão, a velha máxima fez tanto sentido: é a união dos trabalhadores que faz a sua força. Consciente disso, o SBSI iniciou no dia 1 uma nova campanha de sindicalização, que decorrerá até ao final de agosto. O objetivo é juntar mais trabalhadores bancários aos cerca de 45 mil que já pertencem ao SBSI e fazem dele o maior e mais forte Sindicato do País e o que mais quadros representa no setor.

Face à crise global do sistema financeiro e à recessão que Portugal vive, o setor bancário está sob grande pressão, pondo em causa a estabilidade do emprego de forma até há bem pouco tempo impensável. Este contexto tem criado dificuldades acrescidas aos bancários, que cada vez mais se reveem no SBSI, uma organização sindical forte que os defende.

A individualização das relações laborais isola os trabalhadores e torna-os mais vulneráveis às investidas dos empregadores. Para fazer face aos problemas da classe, o SBSI quer unir todas as pessoas que trabalham na banca portuguesa na defesa da plataforma de direitos conquistados ao longo dos anos.

A sindicalização no SBSI garante aos bancários um importante apoio sindical e jurídico nos bons e maus momentos da carreira profissional.

Além do trabalho sindical, em que se destaca a negociação coletiva, o Sindicato desenvolve ainda uma intensa atividade em prol dos associados no âmbito da saúde – o SAMS do

SBSI é unanimemente considerado um dos melhores subsistemas privados do País –, dos tempos livres e da formação.

Traga um colega

A campanha de sindicalização privilegia o sistema "member get member", ou seja, que a angariação seja feita por sócios, que convidam colegas da sua instituição ou de outra para se filiarem no SBSI.

Os associados que tragam novos sócios terão direito a um prémio, bem como os recém-chegados, entre os quais será sorteada uma viagem.

Também os Secretariados e as estruturas sindicais têm um papel fundamental nesta campanha. Nesse sentido, e para dinamizar os elementos da estrutura, a Direção realizou já reuniões com todos os Secretariados Regionais e de Empresa: no Funchal (dia 26 de fevereiro); Évora, Beja,



A união é o símbolo da campanha de sindicalização

Setúbal e Lisboa (dia 27); Santarém, Torres Vedras, Tomar, Castelo Branco, Covilhã e Portalegre (dia 28); Portimão e Faro (a 1 de março); e em Angra, com os três Secretariados dos Açores (7 de março).

Os atuais sócios não são esquecidos nesta campanha, pois o SBSI pretende que todos se sintam bem representados e, por isso, se mantenham filiados. ■

Forte adesão ao registo no portal SBSI/SAMS



As declarações para IRS estão disponíveis no portal

Os sócios do Sindicato estão a aderir de forma significativa à campanha de registo no portal SBSI/SAMS, que desde 20 de fevereiro possibilita o acesso a declarações periódicas.

O SBSI, em particular na área da saúde através do respetivo SAMS, tem envidado esforços para disponibilizar aos seus sócios e beneficiários melhores serviços, incluindo melhor informação.

É o que acontece designadamente com a emissão anual da declaração para IRS e de outras declarações de óbvia utilidade para sócios e beneficiários.

Desde que foi anunciada, há cerca de mês e meio, a disponibilidade de declarações no portal do SBSI, nomeadamente para o IRS, muitos foram os sócios que aproveitaram a ocasião para se registarem e acederem aos documentos.

Até final de fevereiro houve 4.311 novos pedidos de "pin" para o registo, o que significa mais de 10 por cento do total de associados.

Por outro lado, os sócios e beneficiários que anteriormente tinham procedido ao seu registo no portal estão igualmente a utilizar esta ferramenta para terem acesso, de forma prática e mais rápida, às declarações disponibilizadas. O número de acessos aumentou bastante.

Esta nova aposta do SBSI nas tecnologias de informação tem sido um êxito, face à expressiva adesão dos sócios e beneficiários à campanha de registo no portal. ■

Tiro

Pedro Borralho vitorioso na primeira contagem



O 16.º campeonato nacional interbancário de tiro teve início no dia 23 de fevereiro e vai prolongar-se até 29 de junho, data marcada para a final nacional. Após a primeira contagem, Pedro Borralho, do GDBES, lidera isolado

A fase de apuramento do 16.º campeonato nacional interbancário é composta por cinco contagens, tendo-se realizado a primeira nos Rolos, no dia 23 de fevereiro. A segunda contagem teve lugar a 9 de março, na Ota (já após o fecho desta edição), seguindo-se Pegões, a 20 de abril. Beja, a 18 de maio e novamente Pegões, a 1 de junho, antecedem a final do Sul e Ilhas, no dia 15 de junho, no Pinhal. A 29 de junho, dia de São Pedro, está marcada a final nacional.

Nos Rolos, nove dezenas de participantes tiveram a oportunidade de confraternizar em mais um encontro onde a saudável competitividade se aliou ao espírito sindical e à união que caracterizam este tipo de eventos.

Para além do sol e de algum frio, o dia trouxe ainda a pontaria afinada de vários atiradores, deixando-os bastante próximos na tabela classificativa.

No entanto, foi Pedro Borralho quem mais se destacou, atirando de forma certeira em todos os 68 pratos, o que lhe valeu a liderança isolada no final desta primeira contagem.

Os atiradores que se seguiram tiveram prestação quase perfeita com José Calixto (GDBBPI) a conseguir acertar em 61 pratos, mais um que o terceiro classificado Rui Martins (GDST). Com 59 pratos partidos, Ventura Ferreira (GDBP), Manuel Matos (GDBES) e Carlos Santos (GDST), repartem a quarta posição. ■

Futsal

Team Foot Activobank e Banco BPI imparáveis



Banco BPI continua a liderar isolado a Série B



Apesar dos esforços das equipas adversárias, a Team Foot Activobank prossegue vitoriosa

A terceira jornada do torneio interbancário não conheceu novidades na frente da classificação. Team Foot Activobank e Banco BPI triunfaram e mantêm a invencibilidade nas respetivas séries

Quem aproveitou o deslize da Fapoc foi a Portuguesa (BdP), que venceu a C.A. LSL (CCAM), por 2-1. No entanto, foi a Caixa Agrícola a inaugurar o marcador, por intermédio de Nuno Narciso, decorridos que estavam dez minutos de jogo. A reviravolta chegaria no segundo tempo, com Ricardo Marques a bisar em menos de três minutos.

Na classificação geral, a Team Foot Activobank lidera com 9 pontos seguindo-se a Portuguesa, com 8. A completar o pódio está a Fapoc, com 6 pontos. Os SS do Montepio surgem no quarto posto, com 5 pontos, os mesmo que a Foot a Mill. A Caixa Agrícola permanece no último lugar, com 3.

Banco BPI lidera isolado

Entretanto na Série B, o Banco BPI recebeu e venceu o Clube GBES (BES), por 4-1, e continua a liderar isolado. O primeiro gol da partida foi apontado por Nélson Seco, aos 10 minutos, dando, ao intervalo, a vantagem mínima ao Banco BPI. Um minuto depois do início da etapa

complementar, o capitão Sérgio Rola ampliou a vantagem.

O Clube GBES ganhou alguma esperança em cima do minuto 15, quando Marco Fernandes reduziu no marcador. No entanto, os homens do BPI viriam a marcar mais dois golos, aos 16 e 17 minutos, por intermédio de Miguel Pinto e Mário Lourenço, respetivamente.

No outro jogo do grupo, o G. D. Santander Totta levou a melhor sobre a Multinhos (SIBS), por 4-2. Ao intervalo, registava-se o empate a uma bola, fruto dos golos de Hugo Ribeiro, para o Santander, e de Tiago Soares, para a Multinhos. Na segunda parte, Hugo Ribeiro voltou a marcar, tal como o seu colega de equipa, Mário Costa. O jogo não chegaria ao fim sem mais um gol de Tiago Soares, também ele a bisar mas insuficiente, no entanto, para a Multinhos triunfar. A Red Team (B. Popular) folgou nesta jornada.

Na classificação geral, o Banco BPI lidera com 9 pontos, mais 5 que o Clube GBES, Santander e Red Team, todos com menos um jogo. A Multinhos ocupa a última posição com 3 pontos. ■

Karting

Campeonato arranca em Palmela



O 16.º campeonato interbancário de karting tem início marcado para 23 de março, com a primeira prova a ser disputada no kartódromo de Palmela.

A competição será dividida em duas fases: uma primeira onde os pilotos disputarão cinco provas, começando em Palmela (23 de março) e seguindo-se Fátima (6 de abril), Batalha (20 de abril), Campera (11 de maio) e Évora (25 de maio), todas com início marcado para as 10h00. Tendo por base a pontuação obtida, serão apurados os concorrentes que passam à fase seguinte.

A segunda fase (meia-final) está agendada para o dia 28 de setembro, em Campera. Os concorrentes colocados na primeira metade da classificação irão disputar a presença na final, marcada para dia 13 de outubro, em Fátima, onde se fará o apuramento dos representantes do SBSI na final nacional, a realizar em 19 de outubro, na Batalha. Nesta final nacional estarão representados quatro atletas do SBC, oito do SBN e 16 do SBSI.

A organização do evento está a cargo de Manuel Camacho, António Ramos, João Toscano e João Cordeiro. ■

Ex-trabalhadores do BPSM reúnem-se em junho

Está a ser organizado um encontro nacional de ex-trabalhadores do antigo Banco Pinto & Sotto Mayor (BPSM), que se realizará a 29 de junho no Centro Nacional de Exposições de Santarém.

A comissão organizadora convida todos os ex-trabalhadores e seus familiares a participarem no encontro, que inclui almoço. As inscrições têm de ser feitas até 31 de maio.

Paralelamente à inscrição, deve ser efetuado o pagamento, por transferência bancária, utilizando-se para o efeito a conta de DO aberta no Millennium bcp, no Balcão do Oeiras Parque, com o NIB 0033 0000 45431322551 05.

As crianças até aos quatro anos estão isentas, dos cinco aos dez anos pagam 50%, e para as que têm mais de dez anos e os adultos o preço é de € 25,00 por pessoa.

O acesso ao recinto do Centro de Exposições de Santarém (CNEMA) far-se-á mediante a apresentação do documento comprovativo da transferência bancária. Compete aos participantes encontrar a melhor forma de se deslocarem a Santarém.

A comissão organizadora é composta por Calvão Silva (Chaves), Ramiro Resende (Porto), Santos Luís (Coimbra), António Casadinho (Santarém), Miguel Bandeira (Lisboa), Oliveira Pina (Lisboa), Luís Frago (Alentejo e Algarve), Rego dos Santos (Madeira) e Manuel Corvelo (Açores).

As inscrições devem ser feitas através de um dos seguintes contactos: Tel: 276 318 383 (Chaves); 227 121 460 (Porto); 239 711 185 (Coimbra) e 211 131 020 (Lisboa). Telm: 919 315 547; 917 569 078; 917 562 859; 968 822 721; 917 298 036; 962 641 074; 966 498 033 e 924 458 905. Correio eletrónico: excolb.bpsm@gmail.com ■

Albi-Bancários entram a ganhar

Na jornada do apuramento regional da zona Centro, os homens de Castelo Branco levaram a melhor sobre os Craques da Bola, de Tomar.

O jogo entre Albi-Bancários e Craques da Bola, a contar para a jornada do apuramento regional da zona Centro teve lugar no dia 16 de fevereiro, em Castelo Branco.

Entrou forte a equipa da casa, com João Santos a marcar o primeiro, aos 5 minutos. Dois minutos depois, João Fonseca ampliou a vantagem, resultado que se verificava ao intervalo. A entrada forte dos Albi-Bancários verificou-se igualmente no segundo tempo, com José Alcaso a bisar na partida. Miguel Marques ainda reduziu para os Craques da Bola, mas João Fonseca voltaria a marcar, aos 9 minutos. Até final mais dois golos para a equipa visitante. Eduardo Fonseca e Hugo Carvalho fixaram o resultado final.

TrofaSénior Residências aposta na animação sociocultural

A animação sociocultural assume um papel de grande importância na TrofaSénior Residências, pois representa um estímulo constante às capacidades cognitivas, intelectuais e físicas dos residentes e é pensada sempre para dar resposta aos desejos, aos gostos, aos hábitos, às crenças e aos valores dos utentes



A expressão plástica estimula a imaginação e a criatividade



O envolvimento e a participação das famílias é muito importante



Diariamente há animação física ou motora em grupo

Na TrofaSénior Residências são anualmente desenvolvidas várias atividades, com o objetivo de dinamizar os utentes. São direcionadas e pensadas para os diferentes níveis de autonomia e de dependência, para que todos possam ter igualdade de oportunidades e tentando sempre aumentar a autoestima, a autoconfiança e o bem-estar, retardando o processo de envelhecimento e proporcionando momentos de participação ativa na sociedade e na comunidade, camuflando sentimentos de tristeza ou de dor, fomentando tempos de distração e de boa disposição, enriquecendo as vivências e pro-

porcionando experiências satisfatórias e positivas.

O trabalho que tem sido desenvolvido no âmbito da animação sociocultural passa por um leque abrangente de atividades planificadas semanalmente de acordo com os interesses e os objetivos de cada residente, pois na TrofaSénior Residências não se trabalha para as pessoas, mas sim com as pessoas. Os residentes são os atores principais das ações, uma vez que só assim conseguirão encontrar em cada dia satisfação e bem-estar para continuar.

Diariamente há animação física ou motora em grupo, um momento de oração em que cada residente reflete e medita um

pouco e, uma vez por semana, eucaristia, respeitando sempre, contudo, as diferentes crenças religiosas. Recentemente, houve duas sessões de ioga, ministradas por uma técnica. O balanço foi muito positivo. Os utentes manifestaram a sua satisfação e referiam "que tinham ficado mais leves, mais calmos", o que é muito importante, pois a missão da instituição é um compromisso constante com o bem-estar.

Leitura, jogos e expressão plástica

A estimulação cognitiva e mental também não é esquecida, tentando trabalhar sempre nesse sentido e rea-

lizando exercícios de treino de escrita, leitura diária das notícias e jogos de estimulação cognitiva, como por exemplo jogo da memória, sopa de letras e damas entre outros.

Por outro lado, têm sido criados vários jogos que também permitem trabalhar a área cognitiva, como é o exemplo do bingo, que foi sendo adaptado a várias temáticas, que não sempre os números. Assim, os utentes, por iniciativa própria, procuram os temas e sentam-se a jogar, formando bons momentos de convívio.

A expressão plástica também é muito importante, pois permite ao idoso exprimir-se, estimular a imaginação e a criatividade e trabalhar a motricidade fina e manual. Os residentes, sobretudo as senhoras, gostam muito desta atividade, realizando trabalhos para oferecer aos familiares nos seus aniversários e para decorarem os diversos espaços da casa, manifestando satisfação quando conseguem demonstrar as suas capacidades. Uma residente confeccionou três bonecas de trapos para enviar para a Madeira, para as netas, o que é muito positivo, pois trabalham sempre com um objetivo. Quando o veem concretizado não cessam de evidenciar a sua alegria.

Também não é esquecido o teatro, a dança, a música, a jardinagem, a culinária, o cinema semanalmente e a informática que, em muitos casos, per-

mite aos residentes estar mais próximo das famílias e dos amigos.

Uma grande família

O diálogo e as experiências dos nossos residentes também são fulcrais, criando-se, nesse sentido, momentos de partilha de saberes que permitem trabalhar as reminiscências e as memórias, realizando-se tertúlias e momentos de reflexão. Estas atividades são de extrema importância, pois permitem ao grupo conhecer-se melhor e criar elos de ligação que são extraordinariamente relevantes, pois a TrofaSénior é sobretudo uma família e não uma mera instituição.

Apesar disto, a família biológica nunca é descurada nem esquecida, pelo que é sempre tentado o envolvimento e a participação das famílias, uma vez que, em muitos casos, também contribuem, em grande parte, para o bem-estar dos residentes que ficam mais alegres e naturalmente emocionados ao verem os seus entes queridos a partilharem com eles estes momentos das suas vidas. Exemplo disso é o Natal, em que nunca são esquecidas as famílias.

São sempre também celebrados os aniversários, quer de residentes quer de colaboradores. Estes elos de ligação são importantes, porque só assim é possível haver maior proximidade e

implicação no bem-estar de todos os utentes.

Contacto com a sociedade

As atividades culturais também não são esquecidas e são muito importantes para os utentes manterem o contacto com o exterior e permitir a participação ativa na sociedade.

Nesse sentido são proporcionadas, ao longo do ano, diferentes saídas e passeios, muito apreciados pelos residentes. No último S. Martinho foi realizado também um intercâmbio com a Universidade Sénior Contemporânea do Porto. Sendo muito relevante que os residentes continuem a estabelecer contactos com diferentes pessoas, o balanço desta festa é muito positivo: os utentes tiveram imensos momentos de diversão e conviveram muito com o grupo convidado, tendo, inclusive, ficado previsto um possível protocolo com aquela instituição para a realização de outros convívios.

Em suma, o trabalho não se esgota aqui, pois cada dia é diferente e cada idoso diferente também.

Na TrofaSénior Residências isso é muito importante: existe um compromisso com o bem-estar dos residentes e uma tentativa de humanizar sempre e cada vez mais os serviços, a fim de ir ao encontro das necessidades e dos desejos dos utentes. ■



As atividades são planeadas tendo em conta os interesses dos residentes



A TrofaSénior é sobretudo uma família e não uma mera instituição



Comunicado 5/2013

MAGCGC 03

26 de Fevereiro de 2013

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

9 de Abril de 2013

QUADRIÉNIO 2013/2017

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO ELEITORAL

Em conformidade com o estabelecido no nº 1 do Artº 76º dos Estatutos, o prazo para a entrega das candidaturas à MAGCGC e Direcção, Conselho Geral, Comissões Sindicais de Empresa, Comissões Sindicais de Delegação e Comissão Sindical de Reformados, terminou às 17,30 horas do dia 23 de Fevereiro de 2013.

No dia 24 de Fevereiro de 2013, de acordo com o nº 1 do Artº 73º dos Estatutos, foi constituída a Comissão de Fiscalização Eleitoral que, presidida pelo Presidente da MAGCGC, foi integrada pelos Colegas, na qualidade de mandatários das Candidaturas apresentadas:

- Carlos Filipe Nobre e José Carlos Lopes Paulino em representação das candidaturas aos Corpos Gerentes (MAGCGC e Direcção);
- José Joaquim Oliveira, Paulo Duarte Silva Coutinho, Manuel Pereira Gomes e Luís Filipe Martins Arezes em representação das candidaturas ao Conselho Geral.

A Comissão de Fiscalização Eleitoral iniciou de imediato os seus trabalhos e na continuação dos mesmos analisou os diversos processos de candidatura apresentados e identificados alfabeticamente pela respectiva ordem de entrada no Sindicato, de acordo com os seguintes quadros:

LISTAGEM DAS CANDIDATURAS

- Lista A** – TSS-TSD's-TIDC
Candidatura aos Corpos Gerentes
- Lista B** – TSS - Conselho Geral, C.S.E., C.S.D. e C.S.R
- Lista C** – C.S.E./BP - 1º candidato, *Joaquim Fernando Ribeiro Afonso*
- Lista D** – TIDC - Conselho Geral, C.S.E., C.S.D. e C.S.R
- Lista E** – TSD's - Conselho Geral, C.S.E., C.S.D. e C.S.R
- Lista F** – C.S.E./MG - 1º candidato, *José Filipe Tinoco Gomes Marques*
- Lista G** – C.S.D./Chaves - 1º candidato, *João Maria Silva Pereira*
- Lista H** – C.S.E./BST – 1º candidato, *Patricia Carla Abreu M. Carvalho Meireles*
- Lista I** – BP - Candidatura aos Corpos Gerentes, Conselho Geral, C.S.E. e C.S.R

CORPOS GERENTES (MAGCGC e DIRECÇÃO)

Listas candidatas	Número de candidaturas
A e I	2

DELEGADOS AO CONSELHO GERAL

Listas candidatas	Número de candidaturas
B-D-E e I	4

COMISSÕES SINDICAIS DE EMPRESA

Banco	Listas candidatas	Número de candidaturas
BP	C-E	2
BES	B-E-I	3
BBPI	B-E	2
BST	B-E-H	3
BBVA	B	1
BB-PLC	B-D	2
BCP	B-E-I	3
CGD	B-E-I	3
CEMG	D-F-I	3
BANIF	B-E	2
BPP	B-E	2
BBICP	B-E-I	3
FINICRÉDITO	D	1

COMISSÃO SINDICAL DE REFORMADOS

Listas candidatas	Número de candidaturas
B-D-E e I	4

COMISSÕES SINDICAIS DE DELEGAÇÃO

Banco	Listas candidatas	Número de candidaturas
Aveiro	B-D-E	3
Braga	B-D-E	3
Bragança	B-E	2
Chaves	G	1
Guimarães	B-D-E	3
Mirandela	B-E	2
Penafiel	B-D-E	3
Peso da Régua	B-E	2
S. João da Madeira	B-D-E	3
Valença	B-E	2
Viana do Castelo	B-E	2
Vila Real	B-D-E	3

Oportunamente, a MAGCGC elaborará uma edição especial "NORTADA - ELEIÇÕES" com a indicação das listas a submeter a sufrágio, com a respectiva composição e Declaração de Princípios/Programa.

Saudações Sindicais
A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,
DO CONSELHO GERAL E DO CONGRESSO

Exposição de fotografia "Flores e Plantas"



Uma das fotografias de Manuel Santos Vale

A exposição "Flores e Plantas", de autoria de Manuel Santos Vale, do Núcleo de Fotografia do SBN, estará patente na galeria do Sindicato, Rua Conde de Vizela, 145, de 6 de março a 3 de abril, às quartas e quintas-feiras, das 15h00 às 17h30.

Mensalmente, a partir daquela data, o núcleo passa a realizar uma mostra subordinada ao tema genérico "Treze Meses, Treze Temas". ■

Carnaval em Barcelos com grande desfile de máscaras

O tradicional convívio de Carnaval da família bancária dos associados do SBN realizou-se dia 16 de fevereiro.

Com saída do Porto às 9h30, os autocarros dirigiram-se a Braga, ao Sameiro, onde os participantes tiveram oportunidade de visitar um dos maiores e mais importantes santuários marianos de Portugal. Da mesma forma, e também porque as condições meteorológicas assim o permitiram, tiveram o prazer de se deslumbrarem com a excelente paisagem que se estende no horizonte, pelo mar.

Seguidamente, breves minutos de viagem até ao Bom Jesus do Monte, para visita ao santuário e vaguear pelos espaços verdes convidativos. Mesmo os mais exigentes disfrutaram das esplanadas e dos passeios pelo parque circundante. Às 12h00 o destino foi a Quinta da Pia, em Barcelos, onde, no espaço bonito e agradável, esperava os excursionistas um delicioso banquete.

A tarde foi de diversão, com um pezinho de dança seguido de um excelente desfile de máscaras, sendo de realçar a criatividade e a diversidade dos mascarados.

Depois de um aconchegante lanche deu-se o regresso a casa, com os participantes a manifestarem a opinião de que valeu a pena terem aderido e participado em mais este convívio organizado pelo SBN. ■



Imperou a criatividade dos mascarados

Secretariados Regionais pela voz dos seus representantes

Fidelização dos associados é tarefa primordial na Guarda

Textos: SEQUEIRA MENDES



Continuando a ronda pelos quatro distritos que integram a área sindical do Sindicato, coube agora a vez ao da Guarda, um baluarte do SBC. Gabriel Rodrigues, coordenador, destaca o elevado índice de sindicalização e o cuidado do Secretariado em acompanhar permanentemente os sócios

Gabriel Rodrigues, coordenador do Secretariado da Guarda do SBC, falou da sua área sindical, das preocupações, do futuro, e das atividades lúdicas e desportivas que este órgão desenvolve com os seus associados.

"A área sindical é muito extensa e com balcões muito dispersos geograficamente", referiu o coordenador, adiantando que no trabalho sindical conta com a

colaboração de José Fantasia (Tesoureiro) e de Paulo Carrasco (Secretário).

A principal preocupação do Secretariado consiste, por um lado, em "efetuar visitas regulares aos balcões do distrito, para recolhermos todas as informações que os colegas prestam e, por outro, quando é caso disso, para distribuímos pessoalmente informação".

O distrito da Guarda é, em termos sindicais, um forte baluarte do SBC, constatando-se que os sindicatos "amarelos" não têm tido nem a oportunidade nem o engenho de se implantarem, pois como Gabriel Rodrigues afirmou, "temos um fortíssimo índice de sindicalização no distrito".

A angariação de novos associados, outra das tarefas que sempre ocupou e esteve no centro das suas atividades, encontra-se de momento fortemente prejudicada, "pois com o estalar da crise não há trabalhadores novos admitidos na banca", referiu.

O Secretariado tem tido também uma preocupação no "fomento e na eleição dos representantes dos trabalhadores, os delegados sindicais".

Vertente lúdica acarinhada

A vertente lúdica, muito acarinhada e fomentada pelo Secretariado, constitui o outro lado da sua atuação, não menos importante que a atividade sindical *stricto sensu*, que se tem desenvolvido, basicamente, através "de passeios, do já célebre convívio anual de pesca e do tradicional jantar convívio de Natal".

Na vertente desportiva é de referir que o futebol tem sido bastante apoiado, com muitas e prestigiadas participações nos últimos anos nos torneios regionais e nacionais e com muito bom desempenho. Como concluiu Gabriel Rodrigues, "este ano temos já uma equipa definida, representativa do distrito, que irá participar no torneio interbancário de futebol".

Refira-se ainda que no mesmo edifício e paredes meias com o Secretariado funciona o Posto Clínico da Guarda. ■

1.ª Prova Regional de surfcasting

Mário Veríssimo triunfa na Figueira da Foz

Texto: PEDRO VEIGA E SEQUEIRA MENDES



Desejosos de iniciar a temporada, os participantes lançaram as canas ao mar com expectativa, mas o peixe esteve arredo. Valeu o robalo de bom porte capturado por Mário Veríssimo para alegrar a competição

O ano desportivo começou com a prova de surfcasting

A atividade física e desportiva constitui, hoje, um elemento fundamental para o equilíbrio psíquico e somático de todos os trabalhadores. O SBC, ciente da sua identidade e do compromisso social que tem com os seus associados, elabora anualmente um calendário de provas que se desenrolam ao longo do ano e que mobilizam várias centenas de desportistas.

E o ano começou exatamente com uma prova de surfcasting, isto é, uma prova de pesca em mar a partir da praia, que teve lugar no dia 16 de fevereiro na "Rainha da Costa de Prata", vulgo, Figueira da Foz, conhecida pela extensão das suas praias e candidata a Património Mundial por se tratar de um exemplar do Jurássico de grande beleza e visibilidade, nomeadamente a desembocadura do rio Mondego no Oceano Atlântico.

Como habitualmente, a organização deste evento pertenceu ao Departamento de Tempos Livres em parceria com a Secção Regional de Leiria, que se ocupou de toda a logística da prova.

Dado que o estado do tempo não se alterou e, portanto, em sintonia com um inverno extremamente rigoroso que tem assolado a região nos últimos meses, as previsões para um dia de pesca não eram muito animadoras, constatando-se que o mar se apresentava muito forte, com ondulação de 6 metros e vento de rajada de 50 km hora.

No entanto, tendo em vista que ainda assim seria possível cumprir o objetivo, a organização descobriu uma praia abrigada, onde o mar se apresentava mais manso, mas com as águas muito escuras e com muito limo, propícia para, com alguma dificuldade, se estar perante as condições mínimas para a prática da pesca.



O mau tempo obrigou a procurar uma praia abrigada para a prova

Peixe relativamente escasso

Com muita fome de pesca provocada pela longa ausência da sua prática, os intrépidos participantes iniciaram a competição de 4 horas, plenos de confiança e expectativa.

O peixe deu um ar da sua graça, no entanto, em sintonia com os tempos de crise que grassam por esse País fora, foi relativamente escasso. As espécies mais pescadas foram robalos, sarguetas, solhas e peixes-aranha. De salientar um robalo de bom porte capturado por Mário Veríssimo, o suspeito do costume.

Finda a prova procedeu-se à pesagem que originou a seguinte classificação:

Em 1.º lugar ficou Mário Veríssimo, da CCAM, seguido por Rui Nunes, do BPI; a 3.ª posição coube a Pedro Veiga, também do BPI, e na 4.ª Rogério Silva, do Millennium BCP.

A segunda prova e decisiva para a classificação final irá decorrer na deslumbrante Baía de São Martinho do Porto e desenrolar-se-á ao longo dos seus 3 km de areal, de forma elítica e águas calmas.

Então proceder-se-á à distribuição dos troféus e serão encontrados os seis representantes do SBC à final nacional de surfcasting, a disputar na Costa Alentejana, em Areias Brancas. ■

Em vários ramos do Direito

Sindicato proporciona aconselhamento jurídico gratuito



O SBC dispõe de uma avença com o Escritório de Advogados Ferreira da Silva & Ferreira da Silva, que se destina a aconselhamento jurídico de índole particular, ou seja, decorrente das relações interpessoais de cada um enquanto cidadão. Trata-se de prestar informações no âmbito do Direito de Família, das Obrigações, das Sucessões, do Trabalho ou de qualquer outro ramo do Direito.

Este aconselhamento jurídico disponibilizado aos associados do SBC é gratuito. Ressalva-se, no entanto, que caso resulte da consulta com o advogado a necessidade de interpor alguma ação judicial, os eventuais custos dessa ação são um encargo do associado, não assumindo aí o SBC qualquer responsabilidade.

O advogado deslocar-se-á uma vez por mês, em horário a determinar, às Secções Regionais da Guarda, Leiria e Viseu e ainda a Caldas da Rainha, estando o seu escritório em Coimbra disponível para os associados que residam nesta área.

Os contactos para a marcação destas consultas devem ser dirigidos aos secretários coordenadores das respetivas Secções Regionais, a saber: Guarda - Gabriel Rodrigues (telef. 271 222 016); Coimbra - José Fazendeiro (telef. 239 821 935); Leiria - Pedro Veiga (telef. 244 822 743); Viseu - António Couto Ribeiro, (telef. 232 425 033). ■



Caminhada na Lagoa de Óbidos

TEXTO: SEQUEIRA MENDES



A Lagoa de Óbidos é o sistema lagunar costeiro mais extenso da costa portuguesa

A Secção Regional de Leiria vai iniciar uma atividade cujo êxito está já comprovado pelos sindicatos da Febase: as caminhadas. O percurso é a margem sul da Lagoa de Óbidos

Em parceria com o Departamento de Tempos Livres do SBC, a Secção Regional de Leiria vai levar a efeito, dia 14 de abril, uma caminhada na margem sul da Lagoa de Óbidos.

Para os amantes das atividades ao ar livre, esta é uma excelente oportunidade para exercitar o físico, num ambiente de salutar convívio e boa disposição. Sendo a caminhada uma atividade que propicia

um contacto privilegiado com a natureza e contribui para o bem-estar físico e psicológico, o Sindicato convida todos a participarem.

A primeira caminhada da Secção de Leiria, cuja concentração está marcada para as 9h00 junto à Expoeste, em Caldas da Rainha, tem o seguinte programa:

Covão dos Musaranhos, praia do Bom Sucesso, miradouro do Gronho, praia do Rio Cortiço, Bairro do Bom Sucesso, aldeia da Lapinha, Covão dos Musaranhos. O final da caminhada está previsto para as 16h00, havendo lugar a um piquenique a meio do percurso. São aproximadamente 7 quilómetros, apresentando o percurso um grau de dificuldade baixa.

Este evento é aberto aos sócios do SBC e da Febase, seus familiares e amigos, sendo gratuitas as inscrições.

Para mais informações e inscrições, os interessados devem contactar Pedro Veiga (tel: 914 928 597; email: pedro.veiga@sibace.pt) e Gonçalves (tel: 915 007 232; email: a_c_goncalves@hotmail.com).

O prazo para a confirmação das inscrições termina a 9 de abril. ■

Reformados reeditam festa do porco

TEXTO: SILVINO MADALENO/SEQUEIRA MENDES

Desde tempos imemoriais que o porco desempenhou, especialmente nas comunidades rurais, um papel importante como fonte de rendimento e principalmente de alimento, pelo que a matança do bicho tem vindo nos últimos tempos a ser recriada em muitos locais, associando-lhe uma função social e cultural.

O Secretariado da Secção de Reformados do SBC, em colaboração com a A.R.C.A., uma associação sediada no lugar de Cabeça Alta, no concelho de Montemor-o-Velho, organizou uma reedição deste evento de antanho, que tanto marcou a vida de gerações sucessivas de gandareses.

Agora, como antigamente, os convidados, recrutados de entre a família mais chegada e dos amigos do peito, foram recebidos com o borbulhante "café da panela" e as quentes "beiloses" de abóbora-menina polvilhadas com açúcar amarelo.

É de realçar que o conceito desta festa pressupunha uma dedicação total de toda a gente durante todo o dia. Daí que a sequência de acepipes possa parecer exagerada, mas é o que realmente acontecia.



Ninguém se fez rogado à sequência de acepipes

Logo que o bicho foi dado como devidamente amanhado e depois de molhado com água a ferver, foi servido o bacalhau do abafa, comido de pé, com broa de milho, fruto de uma fornada acabada de cozer.

Os mais apressados já estavam a lavar o bicho, libertando-o de todas as impurezas, e assim que se encontrou pendurado na trave mestra começaram a surgir as primeiras febras a saltitar nas brasas. Já era mais de meio-dia e o pessoal continuava todo de pé. Os vinhos estavam logo ali, nos pipos, à disposição, aguardando a sede de cada um.

O almoço constou de um belo serrabulho, tendo como complementos as papas de abóbora, o arroz doce, a aletria e outras coisas do mesmo género.

Pela tarde veio a animação com a música das concertinas, bombos e reco-reco, cantares dos mais inspirados, danças e outros apetites e alguns "aguaceiros". E uns passeios pela pacata aldeia, que abriu de par em par as adegas aos visitantes. É que trabalhos esforçados ainda os esperavam.

Para despedida estavam ainda reservados o cozido da matança, com os respetivos "caldos com vinho", e o incontornável arroz de "pica-no-chão", que já ninguém queria mas do qual apenas restaram parcas e envergonhadas sobras.

Um dia especial, que os cerca de oitenta participantes declararam estar já desejosos de repetir. ■

Sessão de esclarecimento sobre OE e legislação

Delegados sindicais discutem aplicação do CCT

Foi o que se chama uma reunião "2 em 1": no mesmo dia o STAS realizou uma Assembleia de delegados sindicais e uma sessão de esclarecimento sobre o Orçamento do Estado e as alterações ao Código do Trabalho

TEXTO: PATRÍCIA CAIXINHA

A primeira Assembleia de delegados sindicais de 2013 realizou-se dia 7 de fevereiro, na sede do STAS, e foi dividida em duas fases: a primeira foi a assembleia propriamente dita, e a segunda uma sessão de esclarecimento sobre temas da legislação em vigor.

Depois de aprovada a ata da Assembleia anterior, foi feito o ponto de situação sobre o Contrato Coletivo de Trabalho, tendo sido colocadas várias questões pelos delegados sindicais relativas ao Plano Individual de Reforma (PIR), entre outros assuntos pertinentes do CCT.

Seguiu-se o ponto dedicado a informações, em que se debateram temas como o futebol, o Foto Febase 2013, as Caminhadas Febase 2013, as Conferências Febase, e a Cerimónia de Entrega de Emblemas do Sindicato.

Depois do intervalo para o almoço, seguiu-se uma sessão de esclarecimento, dirigida pela advogada do Sindicato, a Dra. Carla Mirra. Foram abordadas algumas das implicações decorrentes da Lei do Orçamento do Estado para 2013 (LOE 2013) e alguma legislação avulsa entretanto publicada.

Foi ainda feita uma apreciação sobre as principais novidades da alteração ao Código do Trabalho. A Dra. Carla Mirra fez alguns alertas sobre a alteração ao CT - Lei n.º 23/2012, nomeadamente quanto à contratação a termo, o novo cálculo das indemnizações e/ou compensações por caducidade e por cessação do contrato de trabalho.

Dos restantes temas abordados, de realçar as alterações ao Código de



Os delegados sindicais colocaram questões sobre o Plano Individual de Reforma

IRS, nomeadamente as taxas de retenções na fonte; a diminuição do limite máximo do subsídio de refeição não sujeito a IRS e Segurança Social, quer pago em dinheiro, quer através de vales de refeição; o tratamento das ajudas de custo; o subsídio de transporte; o subsídio de educação; os seguros de saúde; o pagamen-

to de quilómetros percorridos em viatura própria; a participação nos lucros e a distribuição de resultados.

Além dos novos escalões do IRS de 2013, foi igualmente feita referência à sobretaxa de 3,5% (incidências e cálculo), bem como a forma e implicações do pagamento dos subsídios de férias e de Natal em duodécimos. ■

Para estar mais perto de si

Encontro anual do Clube CHAPAS celebrado com série de eventos

TEXTO: VÍTOR ALEGRIA



As chapas contam a história dos seguros

O Clube CHAPAS - Clube História e Acervo da Atividade Seguradora vai estar mais perto de si. No âmbito do seu encontro anual e para proporcionar uma maior proximidade consigo, o Clube CHAPAS vai organizar uma primeira série de eventos em Lisboa e no Norte do País, entre os dias 18 e 20 de maio.

Os acontecimentos ocorrerão nos dias 18 de maio em Lisboa, 19 no Porto e 20 em Caldas das Taipas e Guimarães.

Estão convocados para marcar presença todos os colegas e outros interessados na temática da história dos seguros, contados por documentos, chapas de seguros e outras peças que relembram o que foi o quotidiano da atividade seguradora.

Não deixe de verificar qual o dia e local que lhe é mais conveniente. Faça como vários cidadãos de Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra, EUA e Rússia, que confirmaram a sua presença.

A equipa do Clube CHAPAS está a ultimar o programa detalhado. Se estiver interessado em colocar questões ou sugestões sobre o evento pode fazê-lo através do email: chapas.clube.chapas@gmail.com ■



CURSO DE MONITORES

Para jovens com idade mínima de 18 Anos

2013

1º Curso
de 25 a 30 de Março

Objetivo: Formar Monitores para a realização de Campos de Férias

Para Inscrições

www.jovensseguros.com . **geral@jovensseguros.com** . **Tlm: 916 564 998** . **Tlf: 21 880 21 60**

Programa do Curso:

- 1. Direto 4 Horas
- 2. Animação Cultural 24 Horas
- 3. Socorrismo 12 Horas
- 4. Organização e funcionamento do Centro de Férias 10 Horas
- 5. Relacionamento interpessoal entre crianças, adolescentes e adultos 4 Horas
- 6. Exploração da natureza 8 Horas

O aproveitamento assegurará ainda a participação remunerada dos formandos num dos turnos dos Campos de Férias a realizar pela Jovens Seguros no Verão de 2013.

Jovens Seguros

CAMPO DE FÉRIAS FECHADO

Os preços incluem: Transporte de Lisboa, Porto ou Coimbra para Proença-a-Nova e regresso. Estadia em regime de pensão completa (alojamento, pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar e ceia). Prática de Natação, Passeios, Caminhadas, Slide, Rappel, BBT/Ciclismo, Bsnaga Ball e outras atividades apropriadas às faixas etárias envolvidas. Todos os materiais necessários às diversas atividades.

2013

1º Turno:
22 a 29 de Junho

2º Turno:
29 de Junho a 13 de Julho

3º Turno:
13 de Julho a 27 de Julho

4º Turno:
27 de Julho a 10 de Agosto

5º Turno:
10 a 24 de Agosto

6º Turno:
24 a 31 de Agosto

Preços:
425 Euros para Sócio e Colaborador de Empresa Associada
525 Euros para Outros * (valores para turnos de 15 dias)

Pagamentos fracionados até novembro
10% de desconto nos pagamentos efetuados na totalidade até a data de início do turno correspondente
(contacte para descontos e condições de pagamento)

Para Crianças e Jovens a partir dos 8 anos de idade

www.jovensseguros.com . **geral@jovensseguros.com** . **Tlm: 916 564 998** . **Tlf: 21 880 21 60**

Jovens Seguros

Futsal feminino Fidelidade vencedora invicta

Terminou o I Torneio de Futsal Feminino, organizado pelo STAS, com a vitória incontestável da equipa apresentada pelo GDC Fidelidade.

O êxito alcançado leva a que esteja já em marcha a organização do próximo campeonato feminino e bom seria que mais equipas se juntassem a esta atividade desportiva.

Este torneio contou com a presença das equipas da Fidelidade, da Zurich, da Generali e da INETESE. Os resultados finais são os constantes dos mapas que reproduzimos.

Dos troféus em disputa, a equipa da GDC Fidelidade, venceu na classificação geral, na defesa menos batida e ainda a melhor marcadora atleta Bruna Pico também desta equipa.

Nas restantes classificações destacamos a equipa da Generali que venceu o troféu Fair Play e o troféu de Disciplina.

Apresentamos a foto da equipa vencedora, constituída por: Célia Cruz, Paula Soares, Camila Amaral, Vera Lopes, Carla Sousa, Sara Vaz Rodrigues, Joana Lopes, Sónia Sousa, Letícia Oliveira, Vanessa Gonçalves, Bruna Pico Maria Graça Morais. O treinador foi Manuel Vaz Rodrigues.

A todas as participantes, dirigimos as maiores felicitações pela forma cordial e desportiva como disputaram este campeonato.



A equipa da GDC Fidelidade venceu três dos cinco troféus em disputa

Tabela dos melhores marcadores

Nome	N.º jogador	Nome da equipa	Totais gerais
Bruna Pico	20/012	G D C Fidelidade	20
Joana Morais	20/007	G D C Fidelidade	8
Filipa Lucas	30/007	ZURICH Seguros	7
Célia Cruz	20/001	G D C Fidelidade	6
Paula Soares	20/002	G D C Fidelidade	3
Letícia Oliveira	20/009		
Vanessa Gonçalves	20/011		
Ana Cardoso	100/003	GENERALI Seguros	2
Dionela Galvão	100/006		
Márcia Fone	10/009	INETESE	
Sofia Campos	30/002	ZURICH Seguros	
Susana Ribeiro	30/009		
Luizinha Oliveira	10/003	INETESE	1
Andreia Custódio	30/004	ZURICH Seguros	
Sara Nobre	30/006		
Total Golos Marcados			63

Classificação final - I torneio futsal feminino STAS 2013

Equipas	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Golos Marc.	Golos Sofr.	Diferença M/S	Pontos
1 - GDC Fidelidade	6	6	0	0	43	1	42	18
2 - ZURICH Seguros	6	3	0	3	13	13	0	9
3 - GENERALI Seguros	6	2	0	4	4	24	-20	6
4 - INETESE	6	1	0	5	3	25	-22	3

Troféu Disciplina

Equipas	Cartões		Total de pontos
	Amarelos	Vermelhos	
1 - GENERALI Seguros	0	0	0
2 - INETESE	0	0	0
3 - GDC Fidelidade	1	0	15
4 - ZURICH Seguros	1	0	15

Classificação Troféu Fair Play

Equipas	Pontos
1 - GENERALI Seguros	9
2 - GDC Fidelidade	6
3 - INETESE	5
4 - ZURICH Seguros	4

Melhor Defesa Feminino

Equipas	Golos
1 - GDC Fidelidade	1
2 - ZURICH Seguros	13
3 - GENERALI Seguros	24
4 - INETESE	25



Unidos na defesa
de **80.000** trabalhadores
do setor financeiro